

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

**ANÁLISE DA CRISE DE SEGURANÇA PÚBLICA DE FEVEREIRO DE 2017
NO ESPÍRITO SANTO A PARTIR DA OBRA “PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES”
DE GUSTAVE LE BON**

RICARDO TEIXEIRA MAZZEI LEITE

JUIZ DE FORA - MG

2017

RICARDO TEIXEIRA MAZZEI LEITE

**ANÁLISE DA CRISE DE SEGURANÇA PÚBLICA DE FEVEREIRO DE 2017
NO ESPÍRITO SANTO A PARTIR DA OBRA “PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES”
DE GUSTAVE LE BON**

Monografia apresentada pelo acadêmico Ricardo Teixeira Mazzei Leite
ao curso de Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof (a) LILIAN ALFAIA MONTEIRO

Juiz de Fora

FACC/UFJF

2017

AGRADECIMENTOS

Racionalmente agradecer perde o significado ao saber que este trabalho será esquecido na biblioteca da universidade. Não sendo privilégio meu, pois todos passam por isso. Trata-se apenas de uma crítica a forma como são conduzidos os trabalhos de conclusão de curso na minha faculdade.

No entanto, a gratidão é uma das simples coisas que nos tornam humanos e que dão sentido à vida.

Portanto, agradeço meus pais e minha avó que diante de tantas limitações não mediram esforços em permitir ampliar meus horizontes através da educação.

Agradeço também aos meus Professores, principalmente aos que pouco se importaram em me formar administrador, mas puseram toda energia em me formar cidadão. Os que fizeram ambos, ah, esses são de certa forma o que eu me tornei.

Sentirei falta dos questionamentos viscerais do Elcemir; da humanidade do Virgílio; do encantamento em buscar ser um pouco do que o Ricardo Mendonça é; da cordialidade do Paradela; da espontaneidade do Zé Humberto; da alegria da Rosa; da precisão do Celso; das análises e opiniões do Paulo do Carmo; enfim. Agora, sairei em busca de novas pessoas das quais poderei sentir falta futuramente, pois esse é o ciclo da vida.

Antes de terminar, não poderia me esquecer de agradecer o Eduardo. Eduardo foi um menino que vi crescer na roça. De família pobre, a mãe dele trabalhava como faxineira lá na casa que íamos todos os fins de semana. Não tinha quase que recursos nenhum, mas numa terra carente todos diziam “o Eduardo tem de tudo”. A mãe dele morreu quando tinha por volta de 10 anos. Foi morar com o irmão mais velho, pois não se dava bem com seu pai. Se envolveu com drogas e não estudou, ficando sem saber ler ou escrever. Aos 18 anos dei uma oportunidade de emprego para Eduardo na empresa da minha família. Não deu certo. Decidimos dar outra oportunidade meses depois, em outra empresa. Também não deu certo. Todos dizem “você fez de tudo pelo Eduardo, mas ele não valorizou”. Muito pelo contrário, eu fiz foi quase nada. Neste enorme parágrafo faço questão de agradecê-lo. Foi através dele que vi a dor da desigualdade no mundo e como a sociedade justifica esse mal o tratando como normal. Infelizmente este Eduardo eu ainda não consegui ajudar, mas há milhões de Eduardos esperando para serem vistos. Aliás, foram eles que pagaram a minha e talvez a sua faculdade, é sempre bom lembrar...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Termo de Declaração de Autenticidade de Autoria¹

Declaro, sob as penas da lei e para os devidos fins, junto à Universidade Federal de Juiz de Fora, que meu relatório de Estágio Supervisionado é original, de minha única e exclusiva autoria e não se trata de cópia integral ou parcial de textos e trabalhos de autoria de outrem, seja em formato de papel, eletrônico, digital, audiovisual ou qualquer outro meio. Declaro ainda ter total conhecimento e compreensão do que é considerado plágio, não apenas a cópia integral do trabalho, mas também parte dele, inclusive de artigos e/ou parágrafos, sem citação do autor ou de sua fonte. Declaro por fim, ter total conhecimento e compreensão das punições decorrentes da prática de plágio, através das sanções civis previstas na lei do direito autoral¹ e criminais previstas no Código Penal², além das cominações administrativas e acadêmicas que poderão resultar em reprovação no Estágio Supervisionado.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2017.

Ricardo Teixeira Mazzei Leite

¹ LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

² Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ATA DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos XX dias do mês de julho de 2017, na sala xx da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da UFJF, reuniu-se a banca examinadora formada pelos professores abaixo assinados, para examinar e avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso de RICARDO TEIXEIRA MAZZEI LEITE, aluno regularmente matriculado no curso de Administração sob o número 201126050, modalidade presencial, desta universidade, intitulado “**ANÁLISE DA CRISE DE SEGURANÇA PÚBLICA DE FEVEREIRO DE 2017 NO ESPÍRITO SANTO A PARTIR DA OBRA “PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES” DE GUSTAVE LE BON**”. Após a apresentação do aluno e conseqüente debate, a banca examinadora se reuniu em sessão fechada, considerando o aluno _____, quando da entrega da versão final e definitiva impressa e em meio digital.

Juiz de Fora, XX de julho de 2017.

Profª. Lilian Alfaia Monteiro
Orientadora

Prof. Virgílio Oliveira

Profª. Renata Bicalho

RESUMO

O presente trabalho procura analisar a crise de segurança pública ocorrida em fevereiro de 2017 no estado do Espírito Santo (ES) utilizando a obra de Gustave Le Bon “Psicologia das Multidões” como base teórica principal. Para isso, buscamos avaliar desde os teóricos clássicos até as teorias mais contemporâneas sobre os estudos que envolvem o fenômeno das multidões, além de centrarmos uma avaliação mais criteriosa sob a obra de Le Bon, levantando os pontos que o tornam um estudioso referência no tema até aspectos polêmicos de teorias propostas pelo autor e que foram substituídas.

The present article seeks to analyze the public security crisis that occurred in February of 2017 in the state of Espírito Santo (ES) using the article of Gustave Le Bon "The Crowd: A Study of the Popular Mind" as the main theoretical basis. We try to evaluate from classical theorists to the most contemporary theories about the studies that involve the phenomenon of crowds, in addition to focusing a more careful evaluation under the studies of Le Bon, raising the points that make it a reference work in the theme until controversial aspects of theories proposed by the author that have been replaced.

Sumário

| | |
|--|--------------------------------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 Problema de pesquisa | 9 |
| 1.2 Objetivos | 9 |
| 1.3 Justificativa | 9 |
| 1.4 Estrutura do trabalho | 10 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 11 |
| 2.1 Conceito de Multidão | 11 |
| 2.2 A História por trás do tema | 16 |
| 2.3 A obra de Gustave Le Bon | 21 |
| 2.4 Críticas à obra de Le Bon | 32 |
| 3 METODOLOGIA DA PESQUISA | 35 |
| 3.1 Problema de Pesquisa | 35 |
| 3.2 Tipos de Pesquisa | 36 |
| 3.3 Corpus de Dados | 36 |
| 4. CONTRIBUIÇÕES DE LE BON PARA ANÁLISE DA CRISE DE SEGURANÇA DO ESPÍRITO SANTO | 38 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| REFERENCIAS | Erro! Indicador não definido. |

1. INTRODUÇÃO

A vida em sociedade nos dias atuais é marcada pelo convívio massivo e regular com uma pluralidade incontável de pessoas. Seja na fila de um banco, nos transportes coletivos, no movimento de carros nas ruas ou nas idas e vindas dos calçadões, ao irmos de casa para o trabalho ou para a escola, somos expostos a diferentes cenários de sujeitos exercendo suas atividades cotidianas.

A urbanização, que antes era a marca registrada de uma vida em sociedade, hoje perdeu seu espaço para a globalização. Pessoas que antes poderiam ser consideradas “isoladas”, principalmente por morarem em áreas remotas, hoje fazem parte de um grande aglomerado que já não tem como pré-requisito a convergência física de dois ou mais indivíduos para serem consideradas um grupo. A globalização, fundamentalmente no que diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, interligou o mundo de tal forma que mesmo vivendo longe dos centros urbanos somos capazes de manter contato com um número incontável de pessoas (MARICATO, 2000). No entanto, segundo relatório da ONU, 3,7 bilhões de pessoas no mundo ainda não têm acesso à internet (ONU Brasil, 2016). A globalização torna-se, assim, um viés seletivo de classificação da vida em sociedade. Tendo interligado somente parte do mundo, ela é vista como uma grande revolução. Sem dúvidas uma grande revolução, mas que ainda exclui boa parte do “globo”.

As relações entre indivíduos têm sido motivo de estudos para vários teóricos das áreas sociais. Durante muito tempo, vários estudiosos desenvolveram trabalhos sob diferentes perspectivas. No entanto, avaliar as relações entre indivíduos de um grupo sob o ponto de vista psicológico é algo recente, que só ganhou relevância a partir do final do século XIX, abrindo possibilidades para um leque maior de pesquisas da chamada Psicologia Social (ADORNO E HORKHEIMER, 1973).

Os precursores da Psicologia Social partiram da temática que é hoje considerada apenas como um dos caminhos possíveis de um amplo campo de investigação: as multidões. Estudiosos como Gustavo Le Bon e Scipio Sighele foram considerados os precursores das análises de grandes grupos, principalmente no que se refere à violência praticada por eles, como saques e assassinatos (CONSOLIM, 2004).

Hoje em dia, podemos encontrar uma infinidade de teorias que buscam explicar desde o papel social de uma multidão através de um movimento social, até as relações entre os

indivíduos dentro da “massa”, os líderes emergidos delas, os fatores que permitiram sua formação ou mesmo sua perpetuação no longo prazo.

Neste trabalho, nos orientaremos através de uma obra clássica chamada Psicologia das Multidões, de Gustave Le Bon, que foi pioneira e até hoje é referência em estudos críticos envolvendo a temática. Buscaremos problematizar um fenômeno emblemático recente sob a perspectiva da obra, sem deixar de citar teorias contemporâneas e caminharmos sob um viés crítico.

1.1 Problema de pesquisa

Pretende-se com esta pesquisa responder a seguinte questão: A obra clássica de Le Bon, Psicologia das Multidões, seria capaz de explicar um fenômeno recente das multidões, a saber, a crise de segurança pública de fevereiro de 2017 no Espírito Santo?

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é verificar o quanto das teorias de Le Bon contidas na obra Psicologia da Multidões poderia contribuir para explicação da crise de segurança pública do estado do Espírito Santo ocorrida em fevereiro de 2017.

Para o alcance deste objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar elementos da obra de Le Bon que explicam o fenômeno das multidões na crise do Espírito Santo;
- Apontar as lacunas deixadas pelas ideias de Le Bon;
- Verificar até que ponto a obra de Le Bon pode servir ou não de avaliação sobre fenômenos recentes das multidões.

1.3 Justificativa

A busca pelo entendimento do fenômeno das multidões e seus desdobramentos tem ganhado destaque nas ciências sociais devido a uma série de casos recentes ao redor do mundo que têm surgido como movimentos sociais, uma das dimensões da multidão, e despertado o interesse de pesquisadores das mais diversas áreas como Psicologia, Sociologia, Filosofia, entre

outras (JESUS, 2013). A exemplo podemos citar a Primavera Árabe, Protestos de Junho de 2013 no Brasil, entre outros.

Os estudiosos clássicos das multidões têm sido, ainda hoje, utilizados como embasamento teórico para várias pesquisas, principalmente o precursor da temática Gustave Le Bon, muitas vezes de forma limitada ou indevida. Isso nos leva a problematizar o uso inadequado de teorias para justificar uma série de estudos. Para isso, nos direcionamos ao clássico Psicologia das Multidões de Gustave Le Bon para, sob sua ótica, avaliar criticamente um fenômeno recente das multidões e, assim, verificar até qual ponto a obra consegue contribuir para explicar os fatos ocorridos.

Pode parecer que não, mas a temática em questão vai muito além de estudos de psicologia e pode ser aplicada às áreas de Administração, Gestão Pública, Serviço Social, Direito e Jornalismo. Movimentos sociais estão atrelados à questão explorada nesta obra, esta que por sua vez contribui em parte para análises dos movimentos sociais atuais e seus componentes.

1.4 Estrutura do trabalho

Este trabalho está dividido em 5 partes, a saber: introdução, referencial teórico, metodologia de pesquisa, desenvolvimento e resultados do trabalho e as considerações finais.

Na introdução abordaremos o problema de pesquisa, assim como os objetivos e a justificativa do estudo. No referencial teórico discorreremos sobre o conceito de multidão, a história por trás do tema, a obra de Gustave Le Bon e as críticas pertinentes a ela. A Metodologia é composta pelo problema e os tipos de pesquisa além do corpus de dados. O desenvolvimento e resultados do trabalho é o cerne da obra, ou seja, as contribuições de Le Bon para análise da crise de segurança do Espírito Santo que ocorreu no mês de fevereiro de 2017. Por fim, nas considerações finais faremos um balanço geral do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do trabalho iremos apresentar o referencial teórico base para todo o estudo. Perpassaremos pelo conceito de multidão, a história por trás do tema, a obra de Gustave Le Bon e as críticas às ideias do autor.

2.1 O Conceito de Multidão

O conceito sobre multidão é, ainda hoje, amplo e envolve questões sociológicas e psicológicas. Se nos propormos a buscar o significado em algum dicionário online encontraremos os seguintes resultados (em uma única busca, de um único site):

1. Um grande ajuntamento de pessoas, unidas temporariamente, na maior parte das vezes, como resposta a um estímulo comum ou sob a influência de uma emoção coletiva.
2. Uma grande quantidade de pessoas, geralmente em um corpo compacto e desordenado, que tendem à prática de atos violentos, como um linchamento; massa, turba.
3. Conjunto de pessoas da camada social menos favorecida e que representa a parte mais numerosa da população; povão, povorêu, povo.
4. Conjunto de pessoas, animais ou coisas, quando se pretende enfatizar a grande quantidade ou o grande número: Uma multidão de adolescentes entrou aos gritos no ônibus. Uma multidão de ratos invadiu a cidade. Recebeu uma multidão de presentes no casamento. (MICHAELIS UOL²)

Através desta simples pesquisa poderíamos concluir que a palavra “multidão” significasse um grande aglomerado de pessoas desordenadas, unidas por um curto período de tempo, com características violentas, formada por uma classe social menos favorecida, etc.. Por mais que a descrição obtida no dicionário possa ser equivalente às convicções que nos vêm à mente, veremos que o objeto de estudo é mais complexo e não traduz o resultado obtido no dicionário. Muito pelo contrário, algumas características são semelhantes, mas segmentadas em diferentes graus de intensidade, outras como talvez a mais “óbvia”, grande quantidade de pessoas, não condiz com boa parte do que poderemos apurar mais adiante.

À primeira vista a palavra “multidão” pode nos remeter aos grandes campos de futebol,

² Acessado em 03/05/2017 às 21:00. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=5BMPy>

onde as torcidas organizadas vibram incessantemente pela vitória do seu time; manifestações sociais em que grandes grupos se unem para reivindicar um direito; ou mesmo atos religiosos que reúnem milhares de pessoas através da fé. Geralmente este é o estereótipo que costumamos ter em nossas mentes, mas basta um pouco de atenção para ver que somos expostos a pequenas aglomerações de pessoas quase que a todo instante, seja na fila do supermercado, no ônibus ou na escola. Jesus (2013, p. 493) reforça este estereótipo popular que é aliado aos “conceitos acadêmicos mais arcaicos sobre multidões”, o que gera uma expressão falha dos meios de comunicação em matérias jornalísticas relacionando multidões à “bagunça” ou “caos”.

A visão estereotipada e marcante sobre as multidões também se mostra presente nos estudos sobre a temática, já que na maior parte das obras predomina este tipo de visão. Podemos exemplificar através de uma linha de estudos comum quanto tratamos das multidões: os estudos sobre as torcidas organizadas. Toledo (1996, p. 12) problematiza a questão ao observar o comportamento das torcidas organizadas em contrapartida ao que é vinculado na mídia como sendo “irracional, bárbaro, violento, até mesmo primitivo, que leva as instituições de poder a acionarem seus instrumentos repressivos e de controle”. Outros autores como Teixeira (2006) e Pimenta (1997)³ apud JARY (2007)⁴ também abordam a questão por meio de um viés antropológico e sociológico, mas inerentes às obras é a violência sempre caminhando ao lado das torcidas.

Outro tratamento comum dado às multidões é a analogia feita com os regimes fascistas da Europa do século XX, sendo constantes as citações a Hitler e ao Nazismo. Canetti (1995, p. 179), por exemplo, manifesta que o Tratado de Versalhes, ao dissolver o exército alemão, foi indispensável para Hitler conseguir seus objetivos: “A proibição do serviço militar obrigatório é o nascimento do nacional-socialismo. Toda massa fechada que é dissolvida converte-se numa massa aberta, à qual transmite todas suas características”. Reich (1984) dedica boa parte de sua obra “Psicologia de Massas do Fascismo” a entender a ascensão do Partido Nacional Socialista da Alemanha através de um ponto de vista da psicologia das massas ao invés de restringir-se a uma análise política ou econômica.

³ PIMENTA, C. A. M. Torcidas organizadas de futebol, violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

⁴ TEIXEIRA, R. da C. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualizações. Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, 2006, n.2, 01-26.

Mas afinal, o que é multidão? Os precursores dos estudos sobre as multidões são Gustave Le Bon, com *Psicologia das Multidões*, e Sigmund Freud com a obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Ambas são as principais referências até os dias de hoje e são referenciadas quase que na totalidade das pesquisas recentes sobre o assunto (como no artigo “Futebol e violência: Freud explica?”⁵, ou na reportagem “O Brasil virou o país do fanatismo?”⁶). Portanto, torna-se indispensável buscar o conceito segundo o pensamento dos autores.

Para Le Bon (2016):

Em certas circunstâncias específicas, e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de homens possui características novas muito diferentes daquelas de cada indivíduo que a compõe. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. (LE BON; GUSTAVE; 2016, p.29)

Le Bon (2016) vai além em sua definição ao defender que um aglomerado de indivíduos não significa necessariamente uma multidão psicológica, mesmo que haja milhares de pessoas, pois para ele a formação se dá apenas quando há a influência de estímulos, ou seja, é necessário a observância de certas particularidades inerente às multidões, características gerais que são provisórias, porém determináveis. Também não é necessário a presença de várias pessoas num mesmo local para se caracterizar uma multidão psicológica, uma vez que as características da multidão podem se manifestar em indivíduos separados, mas que são influenciados por um mesmo estímulo como, por exemplo, um acontecimento nacional transmitido pela TV e que gere comoção em vários telespectadores.

Para categorizar uma multidão como psicológica seria necessário, segundo Le Bon (2016), o cumprimento de características específicas que são comuns a todas. A primeira delas é o sentimento de invencibilidade que os indivíduos formadores da multidão adquirem. A segunda é o contágio em que Le Bon faz um paralelo com o estado de hipnose, no qual um hipnotizado se torna escravo mental do hipnotizador que assumiria todo o controle do seu

⁵ MORAES, Gustavo Hermínio S. M.; MORAES Maria Salati M.. Futebol e violência: Freud explica? *Estud. Pesqui. Psicol.* Vol. 12 no.1 Rio de Janeiro. Abr. 2012.

⁶ FERNANDES, Natan e TANJI, Thiago. O Brasil virou o país do fanatismo? 2015. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/o-brasil-virou-o-pais-do-fanatismo.html> >. Acessado em: 08/06/2017.

inconsciente. Por fim, a terceira causa que determina o surgimento de características específicas das multidões seria a sugestionabilidade, segundo a qual o indivíduo assumiria características muito opostas as do indivíduo isolado:

Portanto, desaparecimento da personalidade consciente, predomínio da personalidade inconsciente, orientação por meio de sugestão e contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em ato as ideias sugeridas são as principais características do indivíduo na multidão. Ele já não é ele mesmo, é um autônomo cuja vontade tornou-se impotente. (LE BON; GUSTAVE; 2016, p.36)

Avaliaremos melhor esta e outras questões ao longo do trabalho, no momento em que nos debruçarmos sobre as teorias de Le Bon. Por ora, cabe apenas sabermos o que o autor entende como sendo uma multidão. É importante ressaltarmos a quebra do estereótipo do qual havíamos falado. “As multidões criminosas sem dúvida existem, mas há também multidões virtuosas, multidões heroicas e ainda muitas outras” (Le Bon, 2016, p.23). Ou seja, a violência das multidões mesmo estando predominante em sua obra, como veremos adiante, não é o caminho unilateral quando abordamos a temática.

Freud (2011) vai contra uma análise isolada da psicologia individual e da psicologia social. Para ele, é raro abstrair as relações do indivíduo em particular dos outros indivíduos com quem ele mantém contato. A diferenciação da relação com os outros indivíduos até se tornar uma psicologia de massas é explicada de forma clara. Segundo Freud (2011, p. 15) nas relações com os pais, professores, namorados, “o indivíduo sempre sofre a influência de apenas uma pessoa, ou um número mínimo delas, já a multidão assume outra forma:

Quando se fala em psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. (FREUD; SIGMUND; 2011, p.15)

Para avaliar o fenômeno das massas, Freud parte justamente das teorias de Le Bon e outros pesquisadores, como McDougall e Sighele. Portanto, cabe a nós identificarmos na obra destes dois últimos autores a visão que eles têm sobre o significado de multidão.

Para McDougall (1920) a condição para formação da multidão psicológica é que os

indivíduos que a compõe tenham um objetivo em comum, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e a capacidade de influenciar uns aos outros. Já Sighele (1954; p. 31, 32) afirma que a multidão é um agregado de homens “heterogêneo por excelência”, uma vez que há nela indivíduos de ambos os sexos, idades, condições sociais, grau de cultura, etc. e “inorgânico por excelência” uma vez que se forma “repentinamente, de improviso”.

Mas, existe diferença entre “multidão” e “massa”? Para Hardt e Negri⁷ (2004, apud Richter et al., 2014, p.77) as duas palavras mostram conceitos polarizados, “de um lado uma posição conservadora associada ao controle da massa e de outro uma progressista ligada à multidão”. As massas seriam “homogêneas e manipuláveis” enquanto as multidões “não obliterariam as singularidades de seus integrantes, o que proporcionaria o desenvolvimento de suas potencialidades”:

[...] As singularidades plurais da multidão assim estão em contrates à unidade indiferenciada do povo. A multidão, entretanto, apesar de permanecer múltipla, não é fragmentada, anárquica ou incoerente. O conceito de multidão deveria também ser contrastado a uma série de conceitos que designam coletividades plurais, como a massa e a horda, visto que os diferentes indivíduos ou grupos de indivíduos que compõem a massa são incoerentes e não reconhecem elementos comuns compartilhados; sua coletividade de diferenças permanece inerte e podem facilmente surgir como um agregado indistinto. Os componentes das massas, não são singularidades - isto é óbvio pelo fato de suas diferenças sucumbirem à indiferença do todo (Hardt & Negri; 2004:99-100 apud Richter et al.; 2014: 77)

Para Richter et al. (2014, p.77), “há uma glorificação das multidões em oposição a uma demonização das massas”. Caiaffo et al (2007) complementa que Le Bon trata as multidões como uma massa irracional e homogênea que tem o objetivo único de causar desordem social, enquanto Negri⁸ (2002, apud Caiaffo et al, 2007) aborda a multidão como uma constituinte que pode causar transformações sociais, sendo entendida como “multidão-potência” e não “multidão-massa”, o que a aproxima da proposta por Marx (1975) ao problematizar a luta de classes. Sendo assim, a multidão teria um caráter, por assim dizer, mais “nobre” uma vez que possui um objetivo claro e fundamental na constituição de qualquer nação, se aproximando das definições de movimentos sociais, enquanto as massas representariam um aglomerado de pessoas sem objetivo claro e com tendências à atos violentos. Para completar, as distinções seriam levadas até o patamar da composição dos líderes, assunto que não havíamos colocado

⁷ Hardt, Michel., & Negri, Antonio. *Multitude: war and democracy in the Age of Empire*. New York: Penquin. 2004.

⁸ NEGRI, A. *Kairós, alma Vênus e multitude*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

às claras até então:

A ideia de multidão-massa mantém o foco em um princípio macropolítico voltado para uma intervenção massiva e controlada: é a multidão tomada como uma unidade sujeita ao comando de um líder. A multidão-potência, ao contrário, trabalharia com a ideia de um exercício micropolítico voltado para a potência de afetação de cada corpo inscrito no plano coletivo: é a multidão tomada como multiplicidade. É justamente na experimentação desta multiplicidade que está a potência efetiva do trabalho da multidão como resistência. (Caiaffo et al. 2007, p.32)

A diferenciação de “multidão” e “massa” proposta por Negri (2002) é extremamente pertinente, no entanto sua discussão resultaria em outro trabalho, visto a vastidão dos estudos que levaram o autor a chegar nesta conclusão. Neste trabalho, vamos abordar “massa” e “multidão” como sinônimos. O leitor deve ficar atento que, mesmo utilizando ambas as palavras, sempre estaremos tratando da “multidão-massa”, uma vez que o trabalho será baseado na obra de Le Bon. Cabe ressaltarmos que a maior parte dos trabalhos tidos como referência para este estudo negligenciaram ou sequer tiveram conhecimento dos estudos de Negri (2002). Algo preocupante, visto que partiram apenas do viés de “multidão” de Le Bon para elaborar suas proposições.

Após discorrermos sobre a ideia de multidão dos precursores dos estudos sobre o tema, podemos verificar que há discordâncias significativas entre elas. No entanto, todas contribuíram e continuam a contribuir para a definição do que é, de fato, uma multidão. Não se verificou até hoje uma definição clara e universal. A psicologia social segue seu trabalho. Nós, no entanto, nos centralizaremos nos estudos de Gustave Le Bon. Constantemente recorreremos às críticas de vários pesquisadores para angariar conhecimento a este trabalho e a opção pelo ponto de vista do autor será apenas como critério de seletividade.

2.2 A História por trás do tema

Ao levantarmos a questão da multidão perpassamos antes pela Psicologia Social. Para Silva (2004, p.13) “toda resposta à pergunta ‘o que é uma psicologia social?’ é apresentada como algo que preexistia à própria questão” uma vez que as relações sociais caminham juntas à história humana. Portanto, visto a amplitude do objeto, nos concentraremos nos estudos voltados exclusivamente às multidões.

Segundo Jesus (2013):

A pesquisa científica sobre os fenômenos da massa remonta meados do século XIX, principiou-se em um contexto europeu tomado pelos tumultos urbanos característicos do período, circunstância histórica que se tornou terreno propício para que pesquisadores refletissem acerca dos comportamentos de massa, a partir de uma ótica preconceituosa, em que estes eram vistos como irracionais, desordenados e instáveis. (JESUS, 2013, p.496)

Autores como Jesus (2013), Caiaffo et al (2007), Consolim (2004), Fainstein (2015) e até autores clássicos como Freud (2011) concordam que Le Bon foi o pioneiro nos estudos ao centrar esforços em analisar o fenômeno das multidões de forma direcionada. No entanto, como havíamos dito, a origem das massas se confundem com a origem da sociedade. Foucault⁹ (1982, apud Costa 2004, p. 141) faz uma analogia na qual o medo das massas faz parte do “medo urbano” que surgia nas cidades europeias do séc. XIX, em que “nasce o que chamarei de medo urbano [...] [medo] do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais”.

Podemos ir além na análise destacando as grandes guerras que fazem parte da história da humanidade como bem avaliado por Rudé (1964) em sua obra “A Multidão na História, Estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730 – 1848” em que ele pega parte de um período histórico dos movimentos populares sob a ótica das multidões. Portanto, o “medo urbano” pode ter institucionalizado o medo das massas, todavia não faltam registros históricos do temor que traz consigo as grandes multidões.

Segundo Jesus (2013), as teorias de Le Bon permaneceram por décadas, tanto nos meios científicos quanto no popular, principalmente no que se refere à irracionalidade e violência como características marcantes das multidões. McDougall (1920 apud Jesus 2013, p.496) contesta tal concepção e defende o que ele chama de “vida mental coletiva” no qual várias pessoas no exercício da coletividade poderiam desenvolver afetivamente e intelectualmente.

Gabriel Tarde (2005) em sua obra “A Opinião e as Massas” contribui para o estudo ao separar conceitos de “público” e “multidão”, sendo o primeiro diferenciado ao não ser necessária a proximidade física, mas sim certa conexão através de “correntes de opinião”:

⁹ FOUCAULT, Michel. O Nascimento da medicina social. In. Microfísica do Poder, 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. P. 79-98.

Fez-se a psicologia das multidões; resta fazer a psicologia do público, entendido nesse segundo sentido, isto é, como uma coletividade puramente espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é inteiramente mental. (TARDE; Gabriel; 1890/2005, p.5)

Sighele (1954) reforça a visão estereotipada ao avaliar em sua obra os crimes cometidos pela multidão, sempre com destaque ao caráter de violência e das transformações que indivíduos “de caráter” sofreriam ao fazerem parte das multidões.

Freud (2011) traz à luz da psicanálise uma avaliação sobre as multidões. Ele parte da obra de Le Bon para, então, acrescentar sua visão e levantar alguns questionamentos. Mais à frente neste trabalho falaremos mais detalhadamente sobre seu pensamento.

Canetti (1995) e Surowiecki, (2004)¹⁰ apud Jesus (2013, p. 497) reconhecem a racionalidade das multidões, “apesar de serem constituídas por um número elevado de indivíduos, caracterizam-se por qualidades como regularidade, cooperação, inibição de conflito e adaptação”. Hoffer¹¹ (1968, apud Jesus, 2013, p.497) defende que “todos os movimentos de massa são basicamente doutrinários, tendendo ao fanatismo, apesar das diferenças entre os grupos religiosos e os demais”.

Teorias clássicas já abordadas, surge a pergunta “Qual a visão contemporânea sobre as massas? ”. Jesus (2013) prossegue contribuindo com este trabalho ao afirmar que:

O paradigma contemporâneo é o de que a massa é um sistema social organizado, estruturador de comportamento coletivo, de modo que mesmo a mais simples observação do cotidiano, desde que previna ante os estereótipos, atestam que decisões tomadas em grupo são melhores que as individuais, porque a massa toma decisões mais rapidamente, é menos sujeita à influência de agentes externos e é auto organizada. (Jesus; J. G.; 2013, p.497)

A visão contemporânea pode até soar mais libertária, no entanto, há ainda divergências quanto aos estudos no qual alguns pesquisadores ainda defendem as multidões com características próximas das descritas pelos teóricos clássicos como por exemplo o baixo grau de racionalidade dos indivíduos no momento que dela fazem parte, algo contraditório ao argumento de Jesus (2013):

¹⁰ Surowiecki, J. The wisdom of crowds. New York: Doubleday. 2004.

¹¹ Hoffer. E. Fanatismo e movimentos de massa. Rio de Janeiro: Lidador. 1968.

Para que se possam desenvolver massas “sábias”, isto é, que apresentam bom desempenho na tomada de decisões, são necessários descentralização no uso das informações, liberdade no acesso individual às informações, independência para formação de opiniões individuais e habilidade em traduzir os juízos individuais em decisões coletivas. (Jesus; J. G.; 2013, p.498)

Jesus (2013) levanta as quatro correntes contemporâneas de maior visibilidade, é importante observarmos que alguns conceitos vão ao encontro aos de Le Bon (2016), principalmente a Teoria da Desindividualização:

| Teoria | Conceito | Precursores |
|-------------------------------|--|---|
| Teoria da Desindividualização | Tornar parte da massa faz sua responsabilidade individual difusa | Diener (1980), Mullen (1986) |
| Teoria da Identidade Social | Indivíduo se percebe parte da multidão devido ao compartilhamento de crenças e sentimentos com o grupo. A existência de outros grupos "de fora" é considerada fundamental para compreender as definições da massa sobre si mesma e sobre os outros | Tajfel e Turner (1979) |
| Teoria da Convergência | Comportamento da massa será de acordo com dos indivíduos que a compõe, prevalecendo a maioria. Os novos membros devem abandonar cognições e comportamentos diferentes da maioria. A multidão tende a caminhar para posições que minimizem diferenças entre os membros. | Festinger (1975); Haslam, Turner, Oakes, McGarty & Hayes (1992) |
| Modelo de Normas Emergente | Multidões se organizam em torno de cognições sociais em comum, no entanto preservando traços individuais. Alguns traços prevalecem, o que o torna característico da multidão geral. | Turner (1964) |

Quadro proposto pelo autor com base na obra de Jesus (2013)

As divergências estão presentes e os estudos avançam mundialmente. As teorias clássicas são a fonte e início de qualquer pesquisa sobre o tema por ser ainda hoje de grande relevância e por boa parte de suas teorias ainda serem vigentes, embora fatores como a globalização, avanço da tecnologia, etc. não tenham sido, naturalmente, sujeitos de análise à época. Pesquisas recentes vêm com o objetivo não apenas de reavaliar as teorias clássicas como também introduzir os novos elementos recentes da atualidade a elas.

Ao trabalharmos com o fenômeno multidão somos expostos a diversas outras categorias de pesquisas que percorrem praticamente todas as áreas do conhecimento. Estudos de relações do poder, manipulação por intermédio dos meios de comunicação, marketing político, liderança, análise do discurso entre outros, sempre são abordagens quase que paralelas aos estudos sobre multidões. Podemos exemplificar com as obras “Eleição é Guerra”¹², “Jogando para Ganhar”¹³, “A manipulação do público: política e poder econômico no uso da

¹² MANHANELLI, Carlos Augusto. Eleição é Guerra. São Paulo: Summus, 1992.

¹³ FIGUEIREDO, Ney Lima. Jogando para Ganhar. São Paulo: Geração Editorial, 1994

mídia"¹⁴, comportamento manada em estudos aplicados em estudantes de ciências contábeis na avaliação de compra de ações¹⁵, etc..

Estudos brasileiros recentes têm se utilizado dos estudos das multidões de diversas formas, como Akerman (2004) que tenta explicar através das teorias de Freud e Le Bon o comportamento das torcidas ou Jary (2007) que utiliza de um estudo prático para avaliar os significados da adesão dos torcedores de um time à nova torcida organizada. Outros estudos como o de Felinto (2012) ilustram o processo de *crowdfunding* e suas relações com o comportamento das massas. Outras abordagens como as de Tomaselli e Oltramari (2007) relacionam oscilações dos preços na Bolsa de Valores aos comportamentos de massa. Jesus (2013, p. 494) acredita que as multidões têm sido estigmatizadas e pouco estudadas no Brasil, principalmente em decorrência de “características específicas do desenvolvimento histórico da Psicologia no país”.

A análise do comportamento humano e das “massas” também tem sido usada para o aumento do capital de grandes empresas, ou seja, o acúmulo de capital. Ora, ao apropriarem-se de estratégias mercadológicas segundo o já citado “contágio” nas multidões, as organizações conseguem aumentos significativos no consumo das famílias, acarretando no aumento de seus faturamentos e geração de capital e de valor, como estratégias de marketing viral observadas no livro “Buzz – A Era do Marketing Viral”¹⁶.

As multidões têm despertado a curiosidade e o interesse de diversas áreas do conhecimento. Buscar entendê-las tornou-se uma caçada ao tesouro das grandes empresas e, por que não, dos políticos. O caminho pela frente é grande e a Psicologia e Sociologia têm um papel fundamental ao encabeçar mais pesquisas e não negligenciar o papel crucial das multidões na história da humanidade. Conhecendo um pouco do que é multidão, do histórico das teorias e como os estudos caminham hoje em nosso país, partiremos agora para uma análise da obra de Le Bon “Psicologia das Multidões”, autor que será a base teórica dos desdobramentos deste trabalho.

A critério de curiosidade Telles (2015) faz um estudo sobre as massas e referencia o filme A onda (Die Welle, 2008) como base para a reflexão. O filme exemplifica bem a questão

¹⁴ HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia. São Paulo: Futura, 2003.

¹⁵ ARAUJO NETO, L. M.; FREIRE, F. S. Comportamento Manada: estudo aplicado em estudantes do curso de ciências Contábeis. RIC – Revista de Informação Contábil. Vol. 7, nº 1, p. 23-34, jan-mar. 2013.

¹⁶ SALZMAN M.; MATATHIA I.; O'REILLY A. Buzz – A Era do Marketing Viral. São Paulo: Cultrix, 2003.

das massas, principalmente sob um viés fascista, a qual devemos tomar cuidado para não criarmos uma visão estereotipada sobre o tema. O filme é inspirado num experimento escolar de 1967 realizado pelo professor Ron Jones que virou livro “The Third Wave” e, posteriormente filme. No filme, o professor cria um “movimento” junto com os alunos com características vistas em regimes fascistas: sentimento de pertencimento, regras rígidas, liderança autoritária, etc.. No entanto, a experiência assume proporções gigantes e foge ao controle.



Cartaz do filme “A Onda” (2008)

2.3 A obra de Gustave Le Bon

A obra “Psicologia das Multidões” de Gustave Le Bon, publicada em 1895, será objeto de nosso estudo neste capítulo. Nela, o autor abre a possibilidade de investigação do fenômeno das multidões através de uma aproximação entre o social e o patológico, com ênfase no caráter irracional das multidões e no poder de persuasão de seus líderes, fazendo um paralelo com a relação entre hipnotizado e hipnotizador. A multidão é para o autor a ciência de uma nova política que resolveria os problemas dos constantes atos violentos identificados nos movimentos sociais (CAIAFFO, 2007):

Para Le Bon (1963), os fenômenos de massa constituíram o ponto decisivo para toda interpretação do mundo moderno. Ele considerava que as multidões representavam a explosão de um lado irracional que conduziria necessariamente a uma crise generalizada na sociedade moderna. Por essa razão, a Psicologia das Multidões deveria se constituir como a ciência de uma nova política, que passaria a estudar daí

por diante os efeitos da sugestão como um elemento central do debate político, traduzindo, assim, as preocupações do poder político da época em encontrar um meio de impedir o esfacelamento da coesão social necessária ao bom desenvolvimento do capitalismo industrial. A principal contribuição da obra de Le Bon foi ter mostrado que as massas são, antes de tudo, um fenômeno social e que, para compreender a amplitude de tal fenômeno em nossas sociedades, era preciso situá-lo em uma nova perspectiva: não mais a do Direito ou da Economia Política, mas a da Psicologia. (CAIAFFO et al.; 2007, p.30)

A obra é dividida em três partes principais, a saber: i) alma das multidões; ii) as opiniões e crenças das multidões; e por fim, iii) a classificação e descrição das diversas categorias de multidões. Na primeira parte o autor aborda características gerais das multidões, como o que as formam, o papel do inconsciente, a transformação do indivíduo ao fazer parte da multidão, os sentimentos das multidões, como elas pensam e o sentimento religioso. Na segunda parte o foco é nas crenças, fatores imediatos das opiniões, os condutores e os limites de variabilidade das multidões. Por fim, a terceira parte aborda a classificação das multidões e a análise crítica de algumas delas. Perpassaremos por boa parte dos raciocínios levantados pelo autor. Vamos dividir nossa análise seguindo a ordem proposta pelo autor para facilitar a compreensão da obra.

A) As características comuns das multidões

A partir da formação das multidões, Le Bon dá importância a um fenômeno que se mostra indispensável hoje para a psicologia, mas que na época ainda passava por tabu: o inconsciente. Segundo o autor, as multidões tinham a característica de aflorar o inconsciente (indivíduo na multidão), enquanto o consciente (indivíduo “isolado”) perdia importância:

“A vida consciente do espírito representa apenas uma pequena parte comparada à sua vida inconsciente. O mais sutil dos analistas, o observador mais penetrante consegue descobrir apenas um número muito reduzido dos móveis inconscientes que o dirigem. Nossos atos conscientes derivam de um substrato inconsciente formado sobretudo de influências hereditárias. Este substrato contém os inúmeros resíduos ancestrais que constituem a alma da raça. Por trás das causas confessadas de nossos atos encontram-se causas secretas que ignoramos. A maioria das nossas ações corriqueiras é efeito de móveis ocultos que nos escapam” (LE BON, 2016, p. 33)

As multidões possuem certas características específicas comuns a todas como já abordamos no primeiro capítulo, mas é importante frisarmos novamente, são elas: o sentimento de invencibilidade, o contágio mental e a sugestibilidade.

O sentimento de invencibilidade que o indivíduo assume, muito por conta do grande número de pessoas aglomeradas numa massa, caracterizando um poder sem limites: “sendo a multidão anônima e conseqüentemente irresponsável, desaparece inteiramente o sentimento de responsabilidade que sempre detém os indivíduos” (LE BON, 2016, p.35). O contágio mental faz com que o indivíduo “sacrifique muito seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (LE BON, 2016, p.35). Já a sugestionabilidade compreende a “tendência em transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas” (LE BON, 2016, p.35);

O contágio mental e a sugestionabilidade são comparadas às práticas hipnóticas. A multidão seria um hipnotizado nas mãos de um hipnotizador, no qual restaria apenas o inconsciente dessa multidão respondendo às vontades de um único indivíduo. Neste caso, a massa passiva seria levada a atuar contra princípios e valores que antes regiam sua conduta (LE BON, 2016).

B) Os Sentimentos das Multidões

Além de definir as características gerais das multidões, Le Bon também se esforça em elucidar os sentimentos e a moralidade das multidões através de uma análise mais detalhada de cada sentimento comum ao observarmos as multidões.

O primeiro é o conjunto impulsividade, instabilidade e irritabilidade das multidões. A multidão é “escrava dos impulsos exteriores recebidos”, uma vez que o inconsciente toma conta dos indivíduos. Já a instabilidade vem dos diversos “sugestionadores” das multidões que a eles obedecem, fazendo com que “em um segundo passam da ferocidade mais sanguinária à generosidade ou heroísmo mais absoluto”. Tal característica faz com que o comportamento das multidões seja de difícil previsibilidade e transitório. A irritabilidade vez da já citada volta ao “ser primitivo” feroz e selvagem que não consegue ver obstáculos entre o desejo e a realização, o que é catalisado pela proteção vinda da multidão: “Para o indivíduo na multidão, a noção de impossibilidade desaparece” (LE BON, 2016, p.40).

Já o segundo conjunto de sentimentos da multidão é a sugestionabilidade e credulidade. A multidão fica sempre atenta à sugestão, é como se fosse uma demanda constante que precisa ser suprimida. Dessa ansiedade surge a rápida transformação da ideia em ato. Assim como a propensão à sugestão, as multidões também são seduzidas facilmente pelas crenças: “O mais simples acontecimento visto pela multidão rapidamente se converte num acontecimento desfigurado. Ela pensa por imagens, e a imagem evocada, por sua vez, evoca uma série de

outras sem qualquer ligação lógica com a primeira” (LE BON, 2016, p.43 e 44). Le Bon chega a falar em “alucinação coletiva” como a sedução em desenvolver crenças da multidão.

O terceiro é o exagero e simplismo dos sentimentos das multidões. Os sentimentos das multidões são simples e exagerados. A simplicidade vem da característica primitiva que é enaltecida nas multidões, fazendo com que o mínimo de complexidade se torne algo dantesco. Já o exagero de um sentimento vem da relevância dos extremos numa multidão. Nada é água morna, ou está fervendo ou congelada e “a suspeita enunciada logo se transforma em evidência indiscutível” (LE BON, 2016, p.52). A partir daí Le Bon assume um discurso mais explícito ao criar meios do “orador” seduzir uma multidão:

“Sendo a multidão impressionável apenas por sentimentos excessivos, o orador que quiser seduzi-la deverá abusar das afirmações violentas. Exagerar, afirmar, repetir e nunca tentar demonstrar qualquer coisa por meio de um raciocínio são os procedimentos de argumentação familiares aos oradores das reuniões populares”. (LE BON, 2016, p.52)

O quarto sentimento é a intolerância, autoritarismo e conservadorismo das multidões. Devido às crenças, sentimentos extremos e simples, as sugestões são rapidamente julgadas como verdades absolutas ou erros cruéis. Já a autoridade vem do baixo caráter racional e de julgamentos, que dá a sensação de certeza aos indivíduos: “Sem qualquer dúvida sobre o que acredita ser verdadeiro ou falso e possuindo, por outro lado, a clara noção de sua força, a multidão é tão autoritária quanto intolerante”. (LE BON, 2016, p.54) A aversão à mudança é ratificada pelo conservadorismo, uma vez que é vista de forma ameaçadora e explana a sensação de perda aparente de controle:

“Na realidade, [as multidões] possuem instintos conservadores irredutíveis e, como todos os primitivos, um respeito fetichista das tradições, um horror inconsciente às novidades capazes de modificar suas reais condições de existência”. (LE BON, 2016, p.56)

O quinto e último sentimento é a moralidade das multidões. Le Bon (2016) avalia que nas multidões certos princípios ganham destaque, como o “sacrifício de si mesmo, necessidade de equidade, a dedicação” etc. “Até os maiores canalhas, pelo simples fato de estarem reunidos em multidão, às vezes adquirem princípios de moralidade muito estritos” (LE BON, 2016, p.58). Assim, pode-se categorizar a moral como um sentimento intrínseco às multidões. No

entanto, cabe ressaltarmos que a moralidade também pode ser vista sob a ótica da sociedade e esta visão acaba por afastar o significado da palavra dos sentimentos observados nas multidões.

C) Ideias, raciocínios e imaginação das multidões

Partimos agora para um estudo das ideias, raciocínios e imaginação das multidões. Segundo Le Bon (2016), as multidões desenvolvem ideias simples e vez ou outra repleta de contradições. Não é de se espantar esta análise, como já vimos anteriormente a baixa racionalidade das multidões compromete a cristalização de ideias complexas. Sendo assim, quanto mais complexa for a ideia, mais ela sofrerá modificações até chegar de forma simplificada nas multidões. Essa forma simplificada é na maior parte das vezes transmitida “sob o aspecto de imagem”. (LE BON, 2016, p.62) A contradição vem da seguinte constatação:

“Como nenhum vínculo lógico de analogia ou de sucessão liga essas ideias-imagens entre si, uma pode substituir a outra como lentes da lanterna mágica que o operador retira da caixa onde estavam superpostas. Portanto, nas multidões podemos ver sucederem-se as mais contraditórias das ideias”. (LE BON, 2016, p.56)

No entanto, uma pergunta recorrente que pode surgir na leitura de Le Bon é em que momento essas ideias simplificadas se tornam fortes crenças das multidões. O autor não aborda essa questão, se limitando a afirmar apenas que a ideia irá apenas agir na multidão quando “penetrar no inconsciente e transformar-se em sentimento” (LE BON, 2016, p.64).

A multidão tem por característica raciocínios inferiores baseado em associações, no qual raciocínios lógicos e complexos são totalmente incompreensíveis. Isso faz com que não possuam a “habilidade de discernir a verdade do erro, de formular um juízo preciso” (LE BON, 2016, p.67)

Podemos classificar a imaginação das multidões como impressionista. Aqui, o imaginário ganha total vigor ao ponto de transcender o limite do sonho, desejo e dar caráter real às imaginações, sempre permeado pela crença no impossível, no surreal. Segundo Le Bon (2016), esta é uma característica intrínseca à história das civilizações, pois nela “o irreal predomina sobre o real” (LE BON, 2016, p.67). O mundo imaginário que tem por característica ser extravagante, grandioso e extremo, se junta a vida mundana sem distinções. A imaginação se torna, segundo o autor, o sustentáculo do poder e “conhecer a arte de impressionar a imaginação das multidões é conhecer a arte de governá-las” (LE BON, 2016, p.70):

“Por isso os grandes homens de Estado de todas as épocas e de todos os países, aí incluídos os mais absolutos déspotas, consideraram a imaginação popular o sustentáculo do poder. Nunca tentaram governar contra ela. ‘Tornando-me católico’, dizia Napoleão ao Conselho de Estado, ‘pus fim à Guerra da Vendéia; tornando-me muçulmano me estabeleci no Egito; tornando-me ultramontano ganhei os padres da Itália. Se governasse num povo de judeus, restauraria o templo de Salomão’”. (LE BON, 2016, p.69)

Cabe reforçar que o imaginário popular é seduzido por extravagâncias na qual:

“[...]cem pequenos delitos ou cem pequenos acidentes não afetarão em nada a imaginação as multidões, ao passo que um único grande crime, uma única catástrofe as comoverão profundamente, mesmo com os resultados infinitamente menos mortíferos que os cem pequenos acidentes juntos”. (LE BON, 2016, p.69)

D) Religião e Multidão

Descrita boa parte das características que definem a “Alma Coletiva” provavelmente já a relacionamos com as religiões. Le Bon dá o nome de “sentimento religioso” ao conjunto de relações análogas entre as multidões e as religiões. O sentimento religioso proposto pelo autor não perpassa pela crença em uma divindade, pois é apenas um conjunto de atributos característicos da religião. Para explicar melhor seria como o próprio autor exemplifica um filósofo que se identifica ateu e apaga todas velas e se desfaz de todas as imagens sacras de sua casa, mas depois de um tempo volta a ascender as velas e as imagens sacras dão lugar a estátuas de filósofos antigos dos quais ele venera. Le Bon classifica tal sentimento como:

“[...] adoração de um ser supostamente superior, temor do poder a ele atribuído, submissão cega a suas ordens, impossibilidade de discutir seus dogmas, desejo de difundi-los, tendência a considerar inimigos todos os que se recusam a admiti-los. Quer esse sentimento se aplique a um Deus invisível, a um ídolo de pedra, a um herói ou uma ideia política, é sempre de essência religiosa”. (LE BON, 2016, p.71 e 72)

São várias as passagens históricas e atuais que nos mostram o quanto o sentimento religioso é semelhante às outras esferas da sociedade que envolvem multidões:

“Não se é religioso apenas quando se adora uma divindade, mas quando se aplicam todos os recursos do espírito, todas as submissões da vontade, todos os ardores do fanatismo a serviço de uma causa ou de um ser que se tornou o alvo e o guia dos sentimentos e das ações” (LE BON, 2016, p. 72)

E) Fatores longínquos das crenças e opiniões das multidões

Le Bon (2016) divide em duas ordens os fatores que determinam as opiniões e crenças das multidões: fatores longínquos e fatores imediatos. Os fatores longínquos é a característica de solidez e longo prazo das multidões. É o que as torna capazes de “adotar algumas convicções e [serem] inaptas para se deixar penetrar por outras”. Já os fatores imediatos são definidos como ineficazes, mas se usados repetidamente “provocam a persuasão ativa das multidões” (LE BON, 2016, p.79), são eles que desempenham um papel de pontos de inflexão da história:

“Sob o impulso desses fatores imediatos surgem as revoluções que bruscamente mobilizam as coletividades; por meio deles explode um motim ou se decide uma greve; por meio deles maiorias enormes levam um homem ao poder ou derrubam um governo”. (LE BON, 2016, p. 80)

O autor divide em 5 fatores que são considerados gerais, ou seja, encontrados no fundamento da alma das multidões, são eles: raça, tradições, tempo, instituições e educação. As raças, tradições, o tempo e a educação são fatores muito mais genéricos que o próprio estudo sobre as multidões.

A raça traz consigo “características formadas, suas crenças, suas instituições, sua arte, em sua palavra, todos os elementos de sua civilização tornam-se a expressão exterior de sua alma”, por isso mesmo Le Bon a coloca num primeiro plano. (LE BON, 2016, p.80). Veremos mais à frente neste trabalho críticas ao conceito de raça e seus desdobramentos. O autor tenta ampliar a raça, que num primeiro momento poderia ser entendido apenas como tradição. No entanto, raça é vista por ele quase como a “alma” do ser. É a formação cultural do ser que para ele vai muito além das tradições.

As tradições segundo Le Bon (2016) refletem muito as crenças e ideias do passado. Como já discutimos as multidões têm aversão à diferença e aptidão pelas tradições. Já o Tempo é visto como fator ativo que interfere diretamente na crença e opinião das multidões.

As instituições políticas e sociais são, para Le Bon (2016), frutos da raça e não escolha de um povo, assim como não são dotadas de virtudes, podendo ser boas ou más em diferentes épocas para diferentes pessoas. O autor ainda acredita na impossibilidade de modificação das instituições, justamente por serem fomentadas através da raça. “Logo, um povo não possui o poder de mudar realmente suas instituições. Pode decerto, ao preço de violentas revoluções, modificar o nome delas, mas o fundo não se modifica”. (LE BON, 2016, p.86)

Por fim, a instrução e a educação sofrem críticas ferozes do autor em que defende que a educação não é libertária. Nesta parte, Le Bon evidencia seu lado conservador e baseia-se em aparentes pesquisas para dar credibilidade as suas opiniões. Segundo ele o objetivo da instrução democrática seria melhorar os homens ou até mesmo torná-los iguais, no entanto as escolas preparam os jovens para funções públicas e os fazem depender do estado para viver. Prossegue afirmando que a criminalidade aumenta com o acesso à instrução, segundo alguns “estatísticos” que confirmaram esta teoria. Também afirma que os anarquistas costumam ser os melhores alunos da escola (LE BON, 2016), realçando um possível viés político e ideológico em sua obra.

F) Fatores imediatos das opiniões das multidões

A baixa capacidade de raciocínio das multidões faz com que as palavras ganhem extrema importância na influência desses grandes grupos. Palavras genéricas que sintetizem a solução para todos os problemas e que trabalhem o inconsciente dos ouvintes são utilizadas em grandes e acalorados discursos repetidas vezes:

“O poder das palavras está diretamente ligado às imagens que evocam e é completamente independente do seu significado real. Aquelas cujo sentido está mais mal definido possuem às vezes maior eficácia. É o caso, por exemplo, de termos como democracia, socialismo, igualdade, liberdade, etc., cujo sentido é tão vago que grossos volumes não seriam suficientes para precisá-lo. Não obstante, a suas breves sílabas está ligado um poder verdadeiramente mágico, como se contivessem a solução de todos os problemas. Sintetizam diversas aspirações inconscientes e a esperança de sua realização” (LE BON, 2016, p. 98)

“A certas palavras vinculam-se transitoriamente certas imagens: a palavra é apenas o sinal sonoro que as faz aparecer”. (LE BON, 2016, p. 99) O autor destaca que palavras evocam imagens e essas imagens variam de acordo com o decorrer do tempo, ou seja, uma mesma palavra evoca diferentes imagens em diferentes épocas, num processo de constante e rápida modificação. Portanto, para atingir uma multidão, torna-se necessário descobrir o significado das palavras em dado momento a partir da percepção sobre quais imagens ela evoca: “As palavras, tal como as ideias, são vivas” (LE BON, 2016, p.101).

Há também casos no decorrer da história da criação de novas palavras para evitar o uso de palavras que evocassem coisas ruins no imaginário da população, como por exemplo a gabela, que, segundo o autor, na prática era o imposto sobre o sal. “O poder das palavras é tão

grande que basta escolher bem os termos para fazer com que sejam aceitas as coisas mais odiosas” (LE BON, 2016, p.102).

As ilusões são vistas como a convicção no sobrenatural, inexplicável. Segundo o autor, foram através delas que os criadores de ilusões conseguiram movimentar multidões a criarem grandes monumentos como templos, estátuas, etc. “são obras vãs, sem dúvidas; mas essas filhas de nossos sonhos incitaram os povos a criar tudo o que compõe o esplendor das artes e a grandeza das civilizações” (LE BON, 2016, p.103). Isso tudo foi possível, segundo o autor, porque a multidão quase que irracional não buscava a veracidade dos fatos e deixava-se seduzir pelas coisas mais absurdas:

“As multidões nunca tiveram sede de verdades. Diante das evidências que lhes desagradam, desviam-se, preferindo deificar o erro se este as seduzir. Quem sabe iludi-las facilmente torna-se seu mestre; quem tenta desiludi-las é sempre sua vítima”. (Le Bon, 2016, p.105)

A experiência é vista pelo autor como a única forma de destruir o imaginário de crenças que permeiam a multidão. Para sua eficácia, deve ser feita de forma repetitiva (de tempos em tempos) e em grande escala. Também há destaque para a ideia de que experiências vividas em uma geração são, geralmente, insignificantes para as seguintes, por isso questões histórias levantadas não surtiriam efeitos como elementos de demonstração. (LE BON, 2016)

A razão é abordada pelo autor como algo distante da multidão e, portanto, ganha pouca importância na formação da civilização, uma vez que bases como a fé, pátria e valores que são as “grandes molas de toda civilização” (LE BON, 2016, p. 109) vieram dos sentimentos das multidões. O autor chega a questionar, para exemplificação o fato de um ignorante carpinteiro ter se tornado Deus durante 2 mil anos, fazendo alusão a Jesus Cristo. Prossegue utilizando argumentos de conquistas às multidões:

“[...] oradores que saibam impressioná-las [multidão] apelam aos seus sentimentos e nunca à sua razão. Sobre elas não agem as leis da lógica racional. Para vencer as multidões, é preciso primeiro se dar conta dos sentimentos que as animam, fingir partilhá-los e depois tentar modifica-los, provocando por meio de associações rudimentares algumas imagens sugestivas; saber voltar atrás, se necessário, e sobretudo adivinhar, a cada instante, os sentimentos que se fazem brotar”. (LE BON, 2016, p.107)

G) Os Condutores

Le Bon (2016) justifica através do instinto a necessidade de um grupo de pessoas buscar um líder, ou seja, o instinto é usado como argumento de que o líder é essencial e intrínseco ao comportamento da multidão, como se fizesse parte da natureza humana:

“Desde que um certo número de seres vivos esteja reunido, quer se trate de um rebanho de animais ou de uma multidão de homens, instintivamente eles se colocam sob a autoridade de um chefe, isto é, de um condutor ou líder”. (LE BON, 2016, p.110)

Agora, analisando os “condutores” (ou líderes, guias, etc.), o autor os classifica como homens de ação, não de pensamento. Além do mais são classificados como neuróticos:

“São recrutados sobretudo entre os neuróticos, os excitados, os semi-alienados que beiram a loucura. Por mais absurda que seja a ideia que defendem ou o objetivo que perseguem, todo raciocínio se enfraquece diante de sua convicção” [...] “A multidão sempre escuta o homem dotado de vontade forte. Como os indivíduos reunidos na multidão perdem toda vontade, voltam-se instintivamente para quem a possui”. (LE BON, 2016, p.112)

Esta é uma passagem fundamental da obra de Le Bon. Ele afirma que os indivíduos na multidão são desprovidos de vontade própria e que acabam induzidos às vontades de um indivíduo instintivamente. Este indivíduo, por sua vez, é qualificado como quase loucos, que tem como papel “criar a fé, quer se trate de fé religiosa, política ou social, de fé numa obra, numa pessoa ou numa ideia”. (LE BON, 2006, p. 113)

Outro fator identificado como intrínseco às multidões é a necessidade de servidão e não de liberdade, “sua sede de obediência as faz submeter-se instintivamente a quem se declarar seu mestre” (LE BON, 2006, p. 114). Por isso podemos notar o despotismo na autoridade dos líderes, o que faz com que sejam obedecidos pelas multidões sem possuíres meios para sustentar tal autoridade.

O meio pelo qual os líderes persuadem as multidões é através, principalmente, da tríade: afirmação, repetição e contágio. Como define o próprio autor, a ação da aplicabilidade da tríade é lenta, porém com efeitos duradouros. A afirmação deve corresponder a característica de pouca racionalidade das multidões, ou seja, deve ser “pura e simples, livre de todo raciocínio e de toda prova”. A repetição é o meio pelo qual a afirmação deve buscar atingir o inconsciente das multidões. Por fim, o contágio surge como efeito de tal repetição. O autor ainda faz uma comparação do comportamento de contágio humano com o de animais: “O tique de um cavalo em uma estrebaria é rapidamente imitado pelos outros cavalos da mesma estrebaria”. A imitação é um efeito do contágio. Essa imitação cria modelos e estes modelos para funcionarem

não deve se afastar muito das ideias preestabelecidas das multidões. (LE BON, 2006, p. 117-118)

Para o autor, o prestígio nada mais é do que “uma espécie de fascínio que um indivíduo, uma obra ou uma doutrina exerce sobre nosso espírito”. Há o prestígio adquirido e o pessoal. O primeiro e mais difundido é aquele que tem origem no nome, na fortuna e na reputação; é a autoridade que vem em forma de patentes do exército ou mesmo a utilização dos uniformes. Já o segundo não tem origem em títulos ou autoridade, mas sim através de um poder de fascinação que é exercido por grandes líderes: “As poucas pessoas que o possuem exercem um fascínio verdadeiramente magnético sobre os que as cercam, aí incluídos seus iguais, e obedece-se a elas como o animal feroz obedece ao domador que tão facilmente poderia devorar” (LE BON, 2006, p. 122-124)

Este prestígio sempre desaparece com o insucesso ou se deteriora com o questionamento, mas neste último caso, muito lentamente. A multidão não tolera “heróis caídos”: “É sempre com furor que os crentes quebram as estátuas de seus antigos deuses” (LE BON, 2006, p. 130).

H) As crenças fixas e opiniões móveis

As crenças fixas, quando dentro da alma das multidões, tornam-se difíceis de sair, ou mesmo quando não estão presentes são um trabalho árduo para que se consolidem. Mas, estando intrínsecas aos pensamentos da multidão, ela se torna fonte de inspiração e constituem o ponto fundamental de sua história:

“A partir do momento em que um novo dogma é implantado na alma das multidões, torna-se o inspirador de suas instituições, de sua arte e de sua conduta. Seu império sobre as almas é então absoluto. Os homens de ação sonham em realizá-lo, os legisladores em aplicá-lo, os filósofos, os artistas, os literatos preocupam-se em traduzi-los sob diversas formas”. (LE BON, 2016, p.134)

Segundo o autor há três principais razões que justificam o aumento do número de opiniões móveis. A primeira corresponde às crenças que já não exercem tanta influência como antigamente. A segunda razão é a “mobilidade de ideias pode se manifestar livremente”. Por fim, é a difusão da imprensa, que logo no surgimento de uma sugestão, já surge quase simultaneamente uma bateria de argumentos contrários. Isso faz com que opiniões morram antes de se propagarem suficientemente para se tornarem ideias gerais:

“As opiniões que não se vinculam a nenhuma crença geral, a nenhum sentimento de raça e que conseqüentemente não poderiam ter solidez alguma, ficam à mercê de todos os acasos ou, se preferirem, das menores mudanças do meio. Formadas com a ajuda de sugestão e do contágio, são sempre momentâneas e nascem e desaparecem às vezes tão rapidamente como as dunas de areia formadas pelo vento à beira-mar”. (LE BON, 2016, p.137)

2.4 Críticas à obra de Le Bon

As críticas às ideias de Le Bon são inúmeras. Lima (2007) afirma ser explícito na obra de Le Bon o ponto de vista burguês como pontapé para análise das multidões. Caiaffo et al (2007, p.30) destacam que a principal contribuição de Le Bon foi “ter mostrado que as massas são, antes de tudo, um fenômeno social” e colocou a temática sob uma nova perspectiva: a da Psicologia. Por buscar na psicologia respostas para as desordens daquele momento, o autor foi aclamado pela classe política. Caiaffo et al (2007) justificam a limitação pelo contexto de época da obra, e enfatiza que a revolução tecnológica e cibernética nos demanda novas perspectivas teóricas.

Adorno e Horkheimer (1973, apud Lugó, 2010) criticam o conceito de “alma da multidão” proposto por Le Bon e afirmam que toda a obra é levada por vieses ideológicos do autor. Sigmund Freud é considerado por eles o autor que mais contribuiu ao tema ao relacionar o comportamento de massa com questões da libido e a relação entre filho e pai através da superação do Complexo de Édipo como a real causa de identificação com a liderança de uma multidão. Complementa ao refletir que as ideias de autores como Le Bon podem ter sido inspiração para as atrocidades cometidas pelo autoritarismo dos ditadores:

Assim, a psicologia das massas, ao postular a priori a malignidade da massa e proclamar a necessidade de um poder que a mantenha sob controle, torna-se instrumento da corrupção totalitária. Se a oratória de Hitler sobre a massa e as formas como esta se deixa influenciar soam, para o leitor, como uma cópia diluída de Le Bon, não é menos certo que os lugares-comuns da psicologia das massas servem para encobrir a demagogia que, de fato, manipula as massas e que converte esses lugares comuns em seus instrumentos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 83)

As ideias de Le Bon agradaram não só a política, quanto à elite da época, que temiam os grandes movimentos sociais, as revoluções, os saques e os atos de vandalismo constantes e marcantes do período. Consolim (2004, p.3) considera a obra de Le Bon como sendo “de cunho político e ideológico” e que seu pensamento está “fincado no solo do século XIX” devido a

uma visão “conservadora do mundo social”. Marpeau¹⁷ (2000 apud Consolim, 2004) avalia que Le Bon tinha por objetivo buscar as fragilidades da democracia liberal da França, enquanto tinha admiração pela República americana, com pensamento elitista e visão pessimista da natureza humana. Consolim (2004, p.3) avalia pontos da obra de Le Bon que se assemelham a ideias fascistas, principalmente ao autor abordar conceitos como raça e ir além ao pontuar a existência de “raças superiores e inferiores” e relacionar a estabilidade de uma nação às características advindas de sua raça:

[...] existe um determinante mais profundo que é a “alma da raça” formada por traços instintivos hereditários (sentimentos, crenças, ideias), biologicamente determinados, cuja permanência garante a estabilidade da civilização. (Consolim, 2004, p.5)

As multidões teriam na concepção do autor um papel importante e positivo na história do processo civilizatório através das crenças que exerceram função moderadora sobre os instintos da massa, apaziguando o caos, desordem e violência. Consolim (2004, p. 5) segue ao avaliar como A Revolução Francesa é vista pelo autor: as revoluções sendo “eventos superficiais” e “cujo fim permite retornar ao rumo original inscrito desde sempre na raça de um povo”.

Consolim (2004) levanta a contradição no pensamento do autor de que os “traços hereditários” funcionam tanto como algo positivo responsável pela manutenção da civilização através da perpetuação da tradição, mas também uma dimensão negativa, uma vez que podem se perpetuar instintos patológicos. No entanto, a “razão” acaba sendo não somente negligenciada no processo de alavancagem da civilização, mas usada como a causa do estrago ou paralização do desenvolvimento de uma sociedade:

[...] quando as “crenças gerais” (sempre ilusórias) de um povo começam a ser discutidas ou questionadas pela multidão, afirma Le Bon, a decadência da civilização tem início e aqueles degenerados que, em tempos normais, viviam escondidos, saem das tocas e dão livre curso aos seus instintos selvagens. (Consolim, 2004, p.6)

Le Bon solidifica sua contradição ao, segundo Consolim (2004), afirmar que “é a inteligência que guia o mundo” através da presença de uma elite intelectual. Porém, como sustentar esta afirmação em paralelo com a ideia de que as “grandes crenças” presentes na “alma da raça” que fizeram as grandes civilizações? Segundo a própria autora, difícil responder. No

¹⁷ MARPEAU, Jacques. Le processus éducatif. Érès: 2000.

entanto, boa parte dos pensamentos do autor ainda se mostra atual e a polêmica da obra não a faz perder seu valor por completo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta parte do trabalho nos atentaremos em discorrer sobre os procedimentos metodológicos para elaboração da pesquisa, com os devidos cuidados nas justificativas para cada decisão tomada além de abordar as limitações e delimitações metodológicas empregadas como parâmetros para alcançar os objetivos previamente estabelecidos.

Segundo Prodanov e Freitas (2013) a metodologia consiste num apanhado de procedimentos e técnicas empregados para construção do conhecimento. Enquanto disciplina, traduz-se em “estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica”. Já em nível aplicado, “examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.14).

3.1 Retomando Problema de Pesquisa

Para Lakatos e Marconi (2003) toda investigação surge de um problema sentido, que determinará o que deve ser observado ou não. Gil (2008) argumenta que, segunda uma acepção científica “problema é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” (GIL, 2008, p.33). Gomides (2002) afirma que um problema deve ser formulado como pergunta, ser claro e preciso, além de ser delimitado a uma dimensão viável, o que para o autor não é uma tarefa fácil.

O tema “multidão”, como vimos, tem sido investigado sob diversas áreas do saber. No entanto, boa parte das pesquisas seguem a literatura clássica sobre o tema, sobretudo as ideias formuladas por Le Bon (2016), mesmo havendo teorias contemporâneas, como as já discutidas na obra de Jesus (2013).

A principal pergunta que engendrou este trabalho foi: A obra clássica de Le Bon, *Psicologia das Multidões*, seria capaz de explicar um fenômeno recente das multidões? Esta pergunta tornou-se, portanto, nosso ponto de partida para elegermos um acontecimento recente que nos pudesse, minimamente, angariar informações que seriam postas sob a ótica dos estudos de Le Bon (2016). Definimos, então, investigar a crise de segurança pública ocorrida em fevereiro de 2017 no estado do Espírito Santo (Brasil) decorrente da paralisação da Polícia Militar do estado.

A partir desta investigação, fomos capazes de: 1. Identificar elementos da obra de Le Bon que explicam o fenômeno das multidões na crise do Espírito Santo 2. As lacunas deixadas por suas ideias; e 3. Verificar até que ponto a obra de Le Bon pode servir ou não de avaliação sobre fenômenos recentes das multidões. Ao fim, deixaremos sugestões de pesquisas complementares que não puderam ser desenvolvidas neste trabalho.

3.2 Tipo de Pesquisa

A pesquisa teve natureza qualitativa, por aprofundar-se na compreensão de um grupo social, sem que para isso fosse necessário quantificar valores ou se submeter a prova dos fatos (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Partindo dos parâmetros de Vergara (2007) podemos dividir o tipo de pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa é definida como investigação explicativa por “esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (VERGARA, 2007, p.47). Ainda segundo o autor, a investigação explicativa parte de uma pesquisa descritiva como base para os esclarecimentos, esta que, por sua vez, busca apresentar determinadas características de um fenômeno e ou uma população.

Seguindo a metodologia de Vergara (2007), quanto aos meios podemos classificar como uma pesquisa documental, por utilizar como fonte “documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas” (VERGARA, 2007, p.48). Para Pimentel (2001), o tratamento metodológico de documentos extrai deles toda análise, interpretando e organizando todos os documentos de acordo com os objetivos propostos pelo trabalho. Godoy (1995) acrescenta que a pesquisa documental consiste no “exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares” (GODOY, 1995, p.21).

3.3 Corpus de Dados

Como o trabalho é de natureza qualitativa, não utilizamos parâmetros probabilísticos tais como universo e amostra, mas sim a noção de um *corpus* de dados (BAUER e AARTS, 2002). Portanto, o levantamento dos dados se deu a partir de uma investigação sistemática, visando buscar dados representativos sobre o tema em jornais, revistas e blogs em meio eletrônico, por meio de sites de buscas nos períodos correspondentes a 01 de fevereiro de 2017

até 01 de abril de 2017. Para isso, utilizamos expressões chaves como: “Crise de segurança no Espírito Santo”; “Paralisação da PM no Espírito Santo”; “Protestos Mulheres Espírito Santo”; “Saques Espírito Santo”; dentre outros.

O tratamento dos dados levantados se deu através de Análise de Conteúdo. Bardin (1977) conceitua Análise de Conteúdo como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (BARDIN, L., 1977, p.42).

A Análise de Conteúdo quando aplicada a procedimentos qualitativos focaliza as peculiaridades e as relações entre os elementos. Neste trabalho, a interpretação dos dados levantados ocorreu por meio de emparelhamento (pattern-matching) que associa os dados ao referencial teórico utilizado. Para a definição das categorias recorreremos à obra de Le Bon (2016), com o objetivo de verificar elementos desta literatura no conteúdo levantado¹⁸, utilizando uma grade de análise fechada. (LAVILLE e DIONNE, 1999 apud VERGARA 2015). Assim, as categorias definidas nesta grade foram: o sentimento de invencibilidade das multidões; o seu contágio mental; a sugestionabilidade; seus sentimentos gerais; sua crença e os seus condutores. Todas avaliadas sob a teoria de Le Bon e percorridas ao longo das análises.

¹⁸ LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A Construção do Saber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

4 CONTRIBUIÇÕES DE LE BON PARA A ANÁLISE DA CRISE DE SEGURANÇA DO ESPÍRITO SANTO

Ao pensarmos na crise de segurança do Espírito Santo, a primeira imagem que nos vem de multidão é o grupo de pessoas que saquearam empresas da região ou os causadores das mortes correspondentes ao período em questão. No entanto, um olhar mais cuidadoso nos permite verificar que as relações sociais envolvem o relacionamento de vários grupos que se complementam, se somam ou se excluem (confrontam) dependendo da situação. Boa parte desses grupos poderia ser denominada multidão. Restringiremos-nos neste trabalho a localizar as principais multidões envolvidas e as avaliaremos segundo os pensamentos de Le Bon, sem entrarmos em conceitos sociológicos e psicológicos mais amplos.

Antes de mergulharmos nos problemas enfrentados pelo Espírito Santo (ES), vamos a um breve contexto sobre segurança pública e violência no Brasil para servir de parâmetros ao analisarmos as consequências da crise de segurança no estado e termos condições de, minimamente, fazer conexões com o panorama macro brasileiro.

Indicadores brasileiros apontam para um nível de violência semelhante a países em guerra. Dados do Ministério da Saúde apontam um aumento de aproximadamente 23% no número de mortes por causas externas (acidentes e violência) entre o ano de 1980 e 2002, enquanto países da Europa Ocidental e Estados Unidos têm taxas inferiores a 3 e 5 a 6, respectivamente, de mortes intencionais por 100 mil habitantes. Em 2003, a taxa de homicídios brasileira ficou em 28,9 por 100 mil habitantes. (SOUZA e LIMA, 2006).

Ainda segundo Souza e Lima (2006) a capital do Espírito Santo, Vitória, tinha o segundo maior índice de homicídios entre as capitais brasileiras, com 55,8 por 100 mil habitantes, ficando atrás apenas de Recife, com 66,4. Fatores como a banalização do fenômeno através da mídia pela sociedade em geral e falta de mecanismos sólidos de enfrentamento dessa questão são as principais causas dos altos índices de violência.

Se recorrermos a dados mais atualizados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e das Secretarias de Segurança Pública das capitais brasileiras¹⁹, no ano de 2015 Vitória estava em sexto lugar das capitais com o menor índice de homicídios, com 21,6 por 100 mil habitantes e com uma variação de -43,6% dos assassinatos em relação a 2014, a

¹⁹ Dados do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fonte: < <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/10o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/> >. Acessado em 19/06/2017

maior queda do ranking. Natal (RN) ocupa o primeiro lugar com 78,4 e Recife (PE) com 35,3 ocupando a 15ª colocação das capitais com maior número de homicídios.

Para Adorno (2002) a desigualdade social age como o principal fator do aumento da violência. Fortes evidências apontam para maior risco de ser vítima de homicídio em áreas, regiões ou bairros com déficits sociais e de infraestrutura urbana, onde são precárias as condições sociais de existência coletiva e qualidade de vida humana. Para Souza e Lima (2006) fatores como desemprego, desestruturação familiar, sentimento de frustração e busca por padrões sociais de consumo tido como possível de acesso se intensificam nos centros urbanos e estão diretamente ligados com o aumento da violência.

Para Soares (2006) a reforma da polícia é necessária e se daria, de forma correta, em seis passos do que precisa ser feito:

1. reverter a fragmentação verificada na esfera da União; 2. alterar o marco legal inadequado e restritivo, no âmbito constitucional e infraconstitucional; 3. estimular a adoção de programas modulares de reforma, orientados para a implementação de um modelo de polícia que vise construir instituições passíveis de gestão racional, voltadas para a redução da insegurança pública e o respeito aos direitos humanos; 4. apoiar experiências piloto promissoras e divulgar as boas práticas; 5. investir na sensibilização de gestores, legisladores e da opinião pública, para que os três primeiros itens se realizem; 6. valorizar o papel ativo dos municípios e de suas Guardas Civis, na segurança pública. (SOARES, p. 100, 2006)

Devemos ter em mente as razões pelas quais se deu a crise de segurança em questão. Segundo especialistas consultados pela BBC Brasil em reportagem de Gabriela Loureiro (LOUREIRO, 2017), podemos citar 5 fatores principais por trás do problema, são eles:

1. Limbo sócio-jurídico: se caracteriza pela falta de uma definição do que é segurança pública pela Constituição, o que daria margem para diferenças argumentativas do papel da PM, segundo Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública:

“Nossa constituição não diz o que é segurança pública, nenhuma lei diz que segurança pública é proteger a população ou investigar os criminosos, só diz por quem a segurança vai ser exercida” disse ele à BBC Brasil.

“Então segurança é um conceito que ganha significado no dia a dia da prática policial. Se olharmos para a história das instituições policiais hoje, muitas estão reguladas por outro conceito de segurança, que é a manutenção de um modelo de ordem pública, de uma situação em que o Brasil tem um inimigo interno. A lógica é que o tráfico é o inimigo a ser combatido e deixamos de lado uma série de problemas ligados à preservação da vida”, explica. (LOUREIRO, 2017)

2. Precariedade do sistema penitenciário: A paralisação da PM se deu, segundo a reportagem, parte em consequência das rebeliões nas várias unidades prisionais do Brasil no início de 2017. As disputas entre facções e a superlotação dos presídios foram as principais causas, uma vez que o Brasil possui “a quarta maior população carcerária do mundo, com 622 mil detentos e apenas 371 mil vagas, de acordo com o Ministério da Justiça” (LOUREIRO, 2017):

"O problema de fundo é que o Brasil encarcera muito e encarcera mal. O país adotou uma política de guerra às drogas, qualquer um que é pego com drogas é preso. Se o menino entra um contraventor, vai para a universidade do crime. Não é pelo encarceramento que se causa melhoria da segurança", disse à BBC Julio Jacobo Waiselfisz, sociólogo, autor do Mapa da Violência e coordenador de estudos sobre Segurança Pública da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). (LOUREIRO, 2017)

3. Reformas que não saem do papel: Segundo Julio Waiselfisz em entrevista pela BBC (LOUREIRO, 2017) não há atualizações do Plano de Segurança Pública, além da carência de reformas no código penal, desmilitarização da polícia e falta de recursos.
4. Falta de investigação: A média nacional de resolução de homicídios é de 5%, enquanto no Reino Unido é de 93%, segundo pesquisa realizada pelo Conselho Nacional do Ministério Público de 2012. (LOUREIRO, 2017)

"Não temos pesquisas, não temos polícia técnica judiciária e sofremos com um deficit impressionante de investigação e ocorrência. As polícias não prestam contas e têm dificuldade de construir uma relação de confiança com a população", afirma Waiselfisz. (LOUREIRO, Gabriela, BBC, 2017)

5. Falta de Recursos: A falta de recursos e a forma como esses recursos são repassados ainda são fatores prejudiciais e que contribuíram para a eclosão da paralisação (LOUREIRO, 2017)

Em reportagem feita pelo UOL denominada “O que querem os policiais em greve do Espírito Santo” que ouviu os familiares dos PMs as reivindicações são de aumento do efetivo dos militares do Estado, que estaria baixo e sem precedentes de abertura de concursos; reajuste de 43% do salário referente aos 7 anos sem reajuste; por fim, auxílio alimentação no valor de R\$ 176,00 (BERMÚDEZ, 2017). Já a reportagem da VEJA acrescenta que além das reivindicações citadas, há também a requisição por adicionais de periculosidade, insalubridade e trabalho noturno (VEJA, 2017).

Levantadas as razões que eclodiram com a paralisação da PM, podemos agora levantar como os atores principais os seguintes grupos (ou multidões): Policiais Militares e seus familiares; os grupos de saqueadores; os grupos de pessoas que praticaram os homicídios; o poder público através de suas diversas esferas, sendo a principal o Governo Estadual, Ministério da Defesa e Exército; e a sociedade em geral. Cada grupo com uma massa de pessoas voltadas aos respectivos objetivos de cada aglomerado, com as instituições se unindo caracterizando num primeiro momento uma multidão formada (LE BON, 2016). Vamos nos concentrar em avaliar dois grupos: PMs e “saqueadores” sem excluir a interface com os demais.

Em primeiro lugar há o grupo dos Policiais Militares e seus familiares como os principais protagonistas da crise. Envolvemos aqui os familiares uma vez que foram eles que, segundo a própria PM, impediram a realização dos trabalhos por parte dos policiais ao impedirem a entrada/saída destes no batalhão. O Movimento das Famílias PMES protestaram diante de todos os 19 batalhões e mais de 10 companhias independentes da PM, impedindo a saída de viaturas para fazer o policiamento das ruas do estado (COSTA, 2017):

As mulheres protestam por reajuste do salário dos PMs e por melhores condições de trabalho. Os policiais militares são proibidos pelo Código Penal Militar de fazer greves ou paralisações. A pena por fazê-lo pode chegar a dois anos.

Por isso não é incomum que familiares se manifestem em seu lugar – a última ocorrência do tipo no Brasil foi em 2015, no Rio Grande do Sul.

Desde que o bloqueio começou, o Espírito Santo vive dias de caos, com aumentos de mais de 100% nos índices de homicídios e crimes contra propriedade, segundo o vice-presidente do Sindicato da Polícia Civil, Humberto Mileip. (COSTA, 2017)

Aqui podemos perceber que a partir de uma simples inserção no contexto já podemos verificar a existência de outra possível multidão: as mulheres dos policiais. Se num primeiro momento avaliaríamos os policiais e seus familiares como uma única multidão, torna-se necessário avaliá-los sob óticas separadas, mesmo que ambos representem um mesmo interesse ou estivessem se articulando em conjunto. Segundo reportagem do G1 essas mulheres são “mães, esposas, namoradas, irmãs, e amigas de policiais militares” (ARPINI, 2017a).

Ao resgatarmos as características comuns das multidões listada por Le Bon (2016) podemos classificar o grupo das mulheres dos PMs como uma multidão uma vez há uma série de pontos relevantes que o caracterizam, vamos a eles. O *sentimento de invencibilidade* é notado através do enfrentamento das mulheres. É claro que este sentimento tem origem na multidão de PMs que as resguardam pelo simples fato do parentesco e da luta pela mesma causa. No entanto, o grupo de mulheres enfrentam instituições de poder tão forte, senão maior que o de seus

maridos enquanto policiais militares: a justiça e o governo, este por sua vez acompanhado do exército, guardas municipais, Força Nacional, etc. Fora o governo, também há o enfrentamento de parte da sociedade civil que era contra a paralisação dos PMs e exerciam pressão popular contra as mulheres, seja por mídias sociais ou pela organização de protestos.

O *contágio mental*, aqui, também é de extrema relevância. As mulheres rapidamente se mobilizam, deixando de lado seus interesses pessoais para atender ao interesse de um grupo, no caso um interesse de outra multidão: a dos PMs. A reportagem da BBC indaga um fato curioso através do título da reportagem: “Como protesto iniciado por oito mulheres paralisa a PM do Espírito Santo” (COSTA, 2017). Para responder à pergunta o portal entrevistou quem seria a porta-voz do movimento denominado “Movimento das Famílias PMES”, no depoimento podemos notar claramente como se deu a mobilização:

"Assim que soube, me passaram o link de um grupo que formaram no Facebook com todas as mulheres de policiais militares do Estado. E me colocaram em um grupo de WhatsApp. Eu logo comecei a me mobilizar e formei o grupo que iria para o batalhão do meu marido", disse à BBC Brasil.

"Há anos guardamos isso dentro de casa, fica do portão para dentro. Agora, elas explodiram e, como a gente sofre da mesma coisa, todas as outras se mobilizaram pela mesma causa."

Ela afirma que a mobilização não teve a participação dos policiais, e diz que seu marido foi comunicado pelo telefone do que estava prestes a ocorrer: "Eu liguei para ele e avisei que estava indo protestar. Ele me disse 'você não vai', mas eu vim mesmo assim". (COSTA, 2017 - ENTREVISTADO 01, 2017)

A *sugestionabilidade* também pode ser evidenciada no depoimento, devido a aparente rápida formação do grupo. Podemos perceber que havia uma multidão antes mesmo de sua formação física, ou seja, antes mesmo de se mobilizarem na porta do batalhão as mulheres já compartilhavam de um mesmo ideal, de um mesmo interesse. Outro depoimento de uma das organizadoras dos contingentes familiares ratifica as ideias de Le Bon (2016): "Quando soube do protesto, fiquei em estado de choque. Depois, veio uma compulsão de fazer parte e mostrar para a população o que a gente passa." (COSTA, 2017).

Podemos acrescentar à análise um comportamento de *irritabilidade e exagero*, que se conceituam pela volta da ferocidade primitiva e da utilização de afirmações violentas. O poder das palavras se mostra presente e torna-se eficaz ao evocar imagens simples e impactantes (LE BON, 2016). Segundo reportagem do G1, as mulheres dos PMs disseram que resistiriam “até morrer” (ARPINI, 2017a). Já em uma reportagem da BBC, a entrevistada Graziela afirma que “Nosso policial militar está passando fome” (COSTA, 2017). Em reportagem da VEJA uma

das manifestantes argumenta que “Essas mortes estão na conta do governador, que nunca valorizou a polícia capixaba. No entanto, sempre sobra dinheiro para o Carnaval e para a publicidade do governo” (VIEIRA, 2017). Todavia, a maior parte das entrevistas mostrava mulheres reivindicando os direitos através de dados e expondo a realidade das famílias dos policiais, algo distante de uma irracionalidade, mas com fortes indícios de ferocidade verificados no tom provocativo, como podemos verificar nos seguintes depoimentos:

“Se eles quiserem ganhar um pouco mais, precisam fazer três escalas extras, o que dá mais de 18 horas de serviço, por mês. Há sete anos, eles não recebem um real de reajuste e há quatro estão sem correção inflacionária. Eles não têm vale-transporte, não têm auxílio-alimentação, não tem plano de saúde. A Justiça já determinou o pagamento do tíquete-refeição, e o governo se nega. Se o policial bater com a viatura, ele que tem que pagar. Eles arriscam a vida todos os dias para ganhar um salário que não paga o que eles e nós passamos”.

- Empresária, 31 anos, noiva de policial militar.

“Os policiais não são como o governador, que vai para o Sírio Libanês. Os policiais vão para posto de saúde, para os hospitais públicos, como todo cidadão comum. Eles ficam à mercê, como qualquer um da população. Nós temos o Hospital da Polícia Militar (HPM), mas não temos médico dentro do HPM, não temos plano de saúde”.

- Ordilene Martins Campos, esposa de um policial militar da reserva

“O que a sociedade está passando agora, é o que nós passamos todos os dias. Essa é a nossa realidade. Todos os dias a gente tem medo de que o nosso noivo, marido, pai, tomem tiro no meio da rua. Eles sabiam da periculosidade da profissão deles? Sim. Porém, é injusto o que eles ganham para isso. É inadmissível uma profissão de risco como a de um policial não ter um plano de saúde. O que qualquer empresa básica oferece ao seu funcionário. Se meu esposo levar um tiro, ele vai ter que ir para um Pronto Atendimento”.

- Autônoma, 27 anos, noiva de policial militar

(ARPINI, 2017a)

O que muitas vezes não era expressado na fala das mulheres estava escrito nas faixas do movimento. As frases também enalteciam a *ferocidade* com a situação que os PMs enfrentavam. Na maior parte delas estavam provocações contra o governo ou exposição das dificuldades que a família vinha enfrentando, como por exemplo: “70 mil em queijo e não tem dinheiro em caixa?” (ARPINI, 2017a). Podemos ver aqui um protesto direto fazendo alusão aos exageros da utilização dos recursos públicos em prol do “bem-estar” dos políticos. Em outros cartazes está escrito “Professores, Médicos e Policiais, todos merecem reajuste, menos o governador que já recebe em propina” (ARPINI, 2017a); “Sem polícia não há estado”; “Daqui ninguém sai” (COSTA, 2017).

Aqui a “*alma coletiva*” é homogênea em sentimentos proposta por Le Bon (2016) faria desprezarmos todos os anseios de cada individualidade: cada esposa, mãe ou filha. Todas com problemas particulares e opiniões apagados pela simplificação (CONSOLIM, 2004). O problema aqui vai ao encontro de uma teoria recente em relação às multidões, o Modelo de

Normas Emergentes proposto por Turner²⁰ (1964, apud JESUS, 2013) no qual afirma que todos em uma multidão estão ligados por cognições em comum, mas mantendo-se os traços individuais de cada um.

Todas essas iniciativas contribuíram também para instigar o *imaginário popular*, como Le Bon havia descrito no qual um único grande crime comove muito mais que cem pequenos delitos (LE BON, 2016). A comoção envolvia muito mais que as “ferozes” opiniões das mulheres, pois a violência das ruas com o número de homicídios e os embates entre as mulheres, o governo e a PM, foram um prato cheio para as coberturas jornalísticas. Segundo o portal TV Foco (2017), o “Balanço Geral ES” do dia 06/02/2017 alcançou 36 pontos de audiência e teve “vitória histórica sobre a Globo”, principal concorrente e líder de mercado

Outro ponto que nos chama atenção foi a organização das mulheres em frente aos batalhões. O *sacrifício físico e psicológico* em prol da causa defendida por eles era ponto de destaque dos noticiários e da obra de Le Bon. Segundo a VEJA, vivendo sob chuva e sol, elas passavam dias sem tomar banho ou dormir e juravam que mal se conheciam antes dos protestos (algo muito importante visto a já debatida heterogeneidade da massa) (VIEIRA, 2017). Arpini (2017a) destacou o revezamento interno entre as mulheres para que o movimento não perdesse a força; as discussões de ações a serem tomadas; a organização de suprimentos nas tendas montadas que iam de água e comida até carregadores de celulares. Contra as intempéries da natureza e da sociedade as mulheres seguiam resistindo:

“O sereno da madrugada é o mais difícil”, conta D., de 53 anos, uma das mais velhas do grupo que protesta em frente ao QGC, onde estiveram bloqueados cerca de 120 policiais. Na manhã de sábado, ela já estava rouca e reclamava de dores de garganta. Mesmo assim, teve fôlego para cantar o hino nacional enquanto se abraçava ao portão do quartel. “Já chorei muito segurando esse portão. Ele é o coração do movimento. Se parar de bater, tudo desmorona”, conta D., que está no local desde segunda-feira, enquanto o marido policial está em casa.

A maioria das lideranças passa a noite acordada. As vagas na barraca são revezadas por quem mora longe e precisa cochilar. Nos dias de chuva, as idosas e grávidas têm prioridade debaixo das tendas. Encontrar banheiros é outro desafio. As manifestantes que moram perto cederam suas casas. Mas, durante os dias de caos, quando caminhar pelas ruas era um risco, muitas ficaram sem banho. A., de 36 anos, passou um sufoco com falta de absorvente e teve que lavar suas roupas na pia do banheiro da Corregedoria. “Precisei emprestar roupas de uma colega que mora perto”, contou. (VIEIRA, 2017)

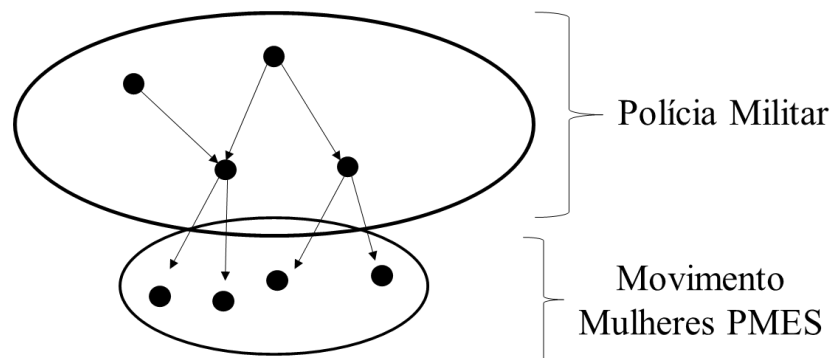
A obra de Le Bon dá uma boa contribuição para análise, mesmo pecando em praticamente nivelar por baixo a racionalidade das multidões e ressaltar a violência quase como

²⁰ Turner, R. H. (1964). *Collective behavior*. In R. E. L. Faris (Org.), *Handbook of modern sociology* (pp. 382-425). Chicago: Rand-McNally

algo a se generalizar, algo que Consolim (2004) dá destaque. No entanto, torna-se mais nebulosa a interpretação neste caso dos chamados condutores das multidões, ou seja, as lideranças do movimento. Seja pela peculiar descrição que Le Bon (2016) faz desses condutores ou pela falta de informações sobre quem eram as cabeças, ou a cabeça, do movimento. Mais à frente veremos alguns ensejos sobre os PMs. Agora, nos atentaremos a tentar descobrir se havia e quem eram os líderes das mulheres.

Costa (2017) já havia apontado que uma mulher se intitulou a “porta-voz” do movimento e que segundo suas próprias palavras teria mobilizado a formação do grupo e outra que seria organizadora dos contingentes familiares. Vieira (2017) também destacou em suas publicações as “lideranças do movimento”. Já Arpini (2017a) escreveu que “Mesmo sem uma liderança definida, o movimento tem um discurso unificado, evidenciando reclamações de mulheres que partilham dos mesmos problemas e rotinas”. Podemos notar que havia sim algumas mulheres líderes do movimento, no entanto, uma análise rasa já nos permite constatar que o comportamento delas não se mostra próximo à personificação de Adolf Hitler proposta por Le Bon como sendo o comportamento típico dos condutores, ou seja, líderes neuróticos e que beiram a loucura (LE BON, 2016).

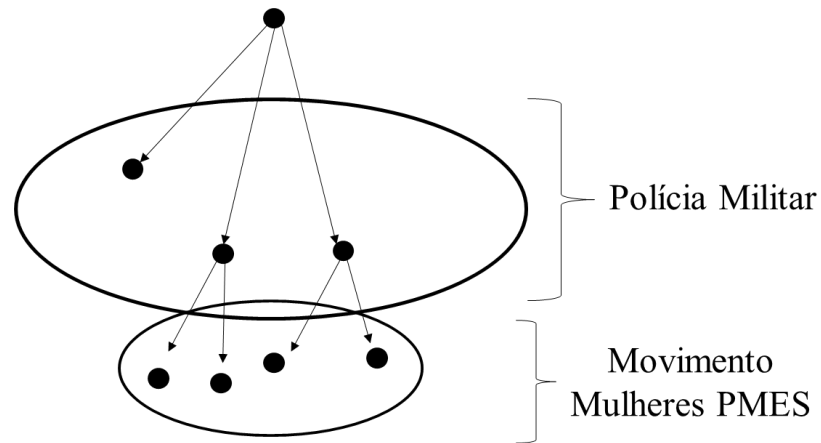
Uma dúvida que permanece era se havia algum ou alguns membros da polícia ou mesmo de fora da polícia influenciando indiretamente as ações dessas líderes. Para exemplificar melhor, fizemos os dois esquemas a seguir:



Esquema 01: proposto pelo autor

No esquema 01 podemos ver duas multidões. A primeira, representada pelo círculo maior é formada pelos policiais militares e a segunda, representada pelo círculo menor, é formada pelas mulheres dos policiais. Ambos se inter-relacionam, mas torna-se claro que condutores presentes na polícia acabam influenciando diretamente as condutoras do movimento das mulheres (DEVENS, 2017). Podemos utilizar aqui a metáfora do fantoche, em que as

líderes do movimento das mulheres tomam as ações orquestradas pelos policiais. Observamos agora uma segunda hipótese:



Esquema 02: proposto pelo autor

No esquema 02 podemos perceber que a maior parte das características do esquema 01 se mantem presentes, a única mudança é que haveria um condutor externo, ou seja, um agente pertencente ou não a outra multidão, mas que exerceria influência direta nos condutores integrantes da polícia militar. Poderíamos levantar aqui outra série de hipóteses, como a das condutoras do movimento das mulheres não fossem influenciadas por condutores da polícia militar, etc., todavia, as duas hipóteses mais fortes foram estas aqui explanadas de acordo com Devens (2017) e Arpini (2017b). Não se trata aqui de um trabalho de investigação dos fatos, mas o levantamento das hipóteses é de suma importância uma vez que a influência exercida por condutores de outras multidões é um fator ausente na obra de Le Bon, mas que se mostra presente nos grandes grupos e é hoje uma discussão imprescindível em obras que discutam o poder (TAVARES, 1996).

Deixamos então duas lacunas abertas: uma por Le Bon, ao contribuir pouco com uma análise das relações de poder e manipulação entre duas multidões, esta que só preencheríamos utilizando o conhecimento de outros teóricos, tema para uma próxima pesquisa. Já a outra lacuna tentaremos desvendar ao avaliarmos a partir de agora o segundo ator importante da crise de segurança de fevereiro de 2017 no Espírito Santo: os policiais militares. Ao término da explanação sobre os principais atores envolvidos, voltaremos a falar do movimento das mulheres PMES no desfecho da crise e na suspeita de articulação pós-crise.

O movimento das mulheres PMES serviu como reflexo a todos anseios dos policiais militares, ou seja, tudo que eles queriam reivindicar, mas eram proibidos por lei. Os policiais,

por sua vez, afirmavam veementemente que estavam sendo impedidos de sair do batalhão, uma vez que seus familiares bloqueavam os portões. Segundo um major entrevistado pela BBC (COSTA, 2017) havia falta de coletes à prova de balas, as viaturas estavam em más condições de uso e o Hospital Militar “sucateado”. O major ainda contrapôs à decisão do desembargador Robson Luiz Albanez que dizia que a mobilização é uma greve “velada” da PM:

"um piquete realizado por familiares e amigos não pode impedir a saída e entrada de viaturas nas unidades policiais, muito menos pode motivar o seu aquartelamento sob o argumento de que estão impossibilitados de exercerem suas atividades" (ALBANEZ, 2017)

Assim como classificamos, segundo as teorias de Le Bon, o movimento das mulheres dos PMES como uma multidão, torna-se necessário também uma pequena avaliação sobre os policiais militares. Ora, se eles agiam na sombra de uma outra multidão também poderíamos os categorizar, no entanto, um pouco de detalhamento nos mostrará algumas diferenças. Em primeiro lugar nossa análise se mostrará superficial justamente pela ausência de informações da imprensa de como os policiais se organizaram internamente. Em segundo lugar, como já dissemos, o movimento das mulheres foi, aparentemente, um reflexo genuíno das aspirações dos PMs.

O *sentimento de “invencibilidade”* dado pelo anonimato, o *contágio mental* e a *sugestionabilidade*, características essenciais à multidão, segundo Le Bon (2016), podem ser identificadas indiretamente. Os policiais, de certa forma, estavam numa disputa direta com o governo, que insistia em não negociar. Tentando dar nomes à massa anônima o governo do estado anunciou, segundo o site G1 (2017), no dia 13/02/2017 a abertura de procedimentos administrativos contra 161 militares, sendo que havia 703 policiais militares sendo investigados pelo crime de revolta, o que poderia acarretar de 8 a 20 anos de detenção. Após isso, houve recuos nas reivindicações das mulheres, porém o movimento não se encerrou e a paralisação se manteve (BORGES et al, 2017). Isso nos mostra a unidade que se formou dentro da polícia e a sugestionabilidade que garantia o não desmantelamento de certos grupos de policiais do movimento, revelando alinhamento e comunicação entre eles.

Já no dia 17/02/2017, segundo LOBEL (2017), a Polícia Militar do Espírito Santo ampliou para 1.151 o número de policiais indiciados pelo crime de motim e revolta. A Secretaria de Segurança Pública afirmou que dos 10 mil PMs do Estado, cerca de 2.400 estariam atuando nas ruas, ou seja, apenas 24% do total. Mesmo após o anúncio, a paralisação permaneceu. Embora proibidos de fazerem greves os policiais chegaram a protestar durante o

sepultamento de um soldado, no qual lançaram parte de suas fardas dentro de uma cova (LOBEL, 2017), um ato simbólico característico das multidões, segundo Le Bon (2016).

Um vídeo que, segundo o Gazeta Online (2017), “viralizou” nas redes sociais mostra um subtenente declarando apoio ao movimento, mas pedindo autorização às famílias para que os policiais possam sair do batalhão e exercerem suas atividades, as famílias, por sua vez, não permitiram:

No vídeo é possível ver o encarregado do policiamento no dia da gravação, o subtenente Lausinei, como ele mesmo se identifica, dizendo que apoia o movimento, mas pedindo autorização para sair às ruas.

"Eu apoio o movimento de vocês. No entanto, estou aqui como comandante do policiamento e eu tenho uma determinação a cumprir. Conforme a ordem do subcomandante-geral, nós temos que colocar o policiamento na rua, até para dar a segurança necessária. Só que a gente não está aqui para furar movimento nenhum. Eu vim aqui pedir a compreensão de vocês, para a gente poder colocar o policiamento na rua."

E continua: "Eu queria saber se vocês vão autorizar, se vocês vão colaborar, seu eu posso sair com policiamento". E elas respondem: "Não, não."

Em um ponto da gravação, chama a atenção um policial gravando o diálogo de outro ângulo, e faz um sinal para pessoa que está filmando, pedindo para não ser filmado. Ao longo das imagens, o subtenente pede que as mulheres registrem a conversa, para ter o respaldo de que tentaram dialogar com elas, mas não foi permitido que o policiamento saísse do batalhão. (Gazeta Online, 2017)

Mesmo com a restrição de informações, conseguimos avaliar minimamente os condutores dos policiais. Segundo reportagem do G1 feita após o término da crise, Walter Matias Lopes foi apontado pelas investigações como uma das lideranças do movimento de greve da Polícia Militar. Ele foi preso acusado de “atuar na articulação e coordenação da paralisação buscando ganhar capital político para se candidatar a deputado estadual nas próximas eleições” (DEVENS, 2017). Além disso, ele incitava o movimento em redes sociais, ameaçou o Secretário de Segurança Pública do Espírito Santo e foi responsável pela segurança das mulheres nas portas dos batalhões (G1 ES, 2017).

O Ministério Público do Espírito Santo com o apoio da Corregedoria da Polícia Militar e da Força Nacional iniciou a operação de busca e apreensão, além de mandatos de prisão feita pelo Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) denominada Operação Protocolo Fantasma (VERLI, 2017), cujo objetivo era, segundo o MP-ES:

Segundo nota do MP-ES "os integrantes de uma organização criminosa que, sob pretexto de reivindicar aumento salarial e outros benefícios aos policiais militares, valem-se de atentados contra serviços de utilidade pública, apologia a fatos criminosos, motim/revolta, ameaças a autoridades, dentre outros crimes Diante dos elementos probatórios colhidos, as medidas cautelares acima descritas se mostraram indispensáveis" (VERLI, 2017)

Para exemplificarmos a complexidade da situação e as forças envolvidas cabe a nós destacarmos que aproximadamente um mês após o fim dos protestos a Operação Protocolo

Fantasma cumpriu mandados de prisão preventiva de três investigados por estarem se articulando para uma nova paralisação. Entre os presos estavam Walter (citado acima) e mais duas mulheres de PMs. Nas interceptações telefônicas as mulheres planejavam convencer os rodoviários para uma paralisação geral na cidade e aguardavam apenas a retirada das forças armadas das ruas. (ARPINI, 2017b).

Não teremos uma resposta conclusiva neste trabalho sobre o principal condutor da PM ou se haviam mais condutores internos (o que provavelmente sim, dado o número de pessoas investigadas) ou mesmo se condutores externos exerciam influência. As investigações até hoje prosseguem, dado o recente acontecimento e este trabalho precisaria ser fruto de atualizações e revisões ao término das investigações.

Afinal de contas, como ocorreu o fim da paralisação? No dia 21/02/17 mais 1.549 policiais militares foram processados pela Polícia Militar, dando um total de 2.851 policiais que respondem a inquérito, somando aproximadamente 28% dos policiais na ativa respondendo por algum processo na corporação (G1 ES, 2017b). Já no dia 25/02/17, em nova reunião do governo com as mulheres, houve consenso entre as partes (ALBUQUERQUE, 2017).

O movimento das mulheres conseguiu em acordo a desistência dos processos judiciais contra as famílias e associações; o retorno dos policiais transferidos aos postos de trabalho originais; o compromisso do governo do estado em não abrir novos Processos Administrativos Disciplinares (PADs) contra os policiais; além de audiências para a negociação de benefícios. No entanto, não haveria reajustes salariais e os PADs já abertos seriam mantidos (ALBUQUERQUE, 2017).

No sétimo dia da paralisação as mortes já haviam superado o total de mortes de fevereiro de 2016 (O Estado de S.Paulo, 2017). Ao final da paralisação os “números” da violência impressionam. A critério de comparação, entre os dias 04/02/17 e 13/02/17, 143 pessoas foram assassinadas, contra 38 no mesmo período de 2016, segundo a Secretaria de Segurança Pública. Até a volta parcial dos PMs às ruas no dia 12/02/17, foram 143 mortes violentas, 300 milhões de prejuízo ao comércio, 3.130 homens das Forças Armadas e da Força Nacional fazendo policiamento, 3 helicópteros, mais de 180 veículos e 7 blindados apoiando a operação (Folha de S.Paulo, 2017).

A volta parcial dos policiais e o apoio do governo federal foram fundamentais para a diminuição dos homicídios, mas mesmo assim o saldo final das mortes foi de 199 assassinatos nos 21 dias de “greve branca” (ALBUQUERQUE, 2017).

Após nos inserirmos no contexto e desfecho da crise, assim como elaborarmos uma análise comparativa da obra de Le Bon com a manifestação das mulheres e dos PMs, torna-se necessário nos debruçarmos sobre talvez o fator mais característico da Psicologia da Multidões ao observarmos a crise de segurança pública do Espírito Santo: os arrastões e saques promovidos pelas multidões.

Em 4 dias de paralisação a Federação do Comércio avaliou um prejuízo de aproximadamente R\$ 110 milhões, sendo R\$ 20 milhões de saques e R\$ 90 milhões de vendas perdidas. Ao todo 270 estabelecimentos haviam sido roubados, muitos à luz do dia e os reforços (Força Nacional e Militares do Exército e Marinha) do governo federal ainda estavam em deslocamento para as regiões afetadas (DOLZAN, 2017).

Le Bon (2016) é claro ao descrever as multidões e uma das principais características apontadas pelo autor é a *impulsividade*. A multidão se torna refém de impulsos exteriores recebidos, principalmente pela baixa racionalidade. Isso explica atos criminosos praticados por pessoas que, sozinhas, não os teriam feito. Ou mesmo torcidas organizadas em que indivíduos partem para agressão em grupo, mas não possuíam qualquer histórico de violência.

Um caso emblemático da onda de notícias durante a crise de segurança chamou muita atenção de internautas e telespectadores. Durante os vários vídeos e fotos de saques que ocorriam em várias cidades do Espírito Santo, foi identificada uma das saqueadoras. Marcela Ranocchia foi candidata à vereadora pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mas não chegou a se eleger em 2016. A candidata foi flagrada e denunciada através das redes sociais ao ser identificada em uma das fotos. Não havia informações sobre o local e o dia em que foi praticado o delito (GOMES, 2017)

O PSDB emitiu nota de repúdio destacando que “as medidas cabíveis para a verificação e punição pelo partido já estão sendo adotadas, inclusive com a instauração de processo disciplinar no Conselho de Ética e Disciplina” disse o presidente do PSDB de Cachoeiro de Itapemirim. Marcela tinha 23 anos e nenhum antecedente criminal. Após a exposição ela procurou a delegacia acompanhada de seu advogado e devolveu os produtos roubados:

De acordo com a Polícia Civil, Marcela procurou a Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio (Depatri), acompanhada de um advogado e devolveu óculos, sapatos, assessórios, mochilas, bolsas, roupas íntimas e uma panela de pressão.

Marcela foi ouvida e liberada. Segundo a Polícia Civil, as pessoas que estão fazendo a entrega voluntária dos produtos não serão autuadas em flagrante por estar colaborando, mas elas responderão em liberdade. (GOMES, 2017)

Segundo o portal Pragmatismo Político (2017) a candidata “costumava se posicionar em defesa da ética e chegou a participar de marchas ‘contra a corrupção’ e a favor do ‘impeachment de Dilma’ para limpar e salvar o Brasil”. Este foi o caso mais emblemático, porque também envolvia um viés político. No entanto, surge um dilema ético e jurídico de até que ponto os autores dos saques são responsáveis pelos seus atos uma vez que não o fariam enquanto indivíduos isolados. Singer²¹ (2003, apud PEREIRA COSTA, 2004) contribui ao avaliar as alegações finais apresentadas em março de 1994 pelo advogado de defesa de um dos acusados de participar de um linchamento em 1985 na cidade de Campinas. Nela, a defesa argumenta que não se pode culpar apenas alguns moradores por um fato praticado por várias pessoas que não foram identificadas.

À primeira vista pode parecer sem cabimento tal distinção indivíduo-multidão como análise de penalidade, mas como Le Bon (2016) descreve, existe uma fronteira entre os dois. Podemos ver que existe certa consciência dessa problemática pela polícia, uma vez que quem devolvesse os produtos não seriam autuadas em flagrante por estarem colaborando, respondendo em liberdade. Já quem não cooperasse seria responsável por uma série de crimes:

Os que ainda tiverem com os produtos que foram furtados em suas casas podem ligar para a Depatri no telefone 028 3155-5323 ou podem comparecer na delegacia. Até o momento cerca de 80 pessoas foram identificadas pelas filmagens e placas de veículos, em Cachoeiro de Itapemirim. As pessoas que não entregarem os produtos e forem pegas em flagrante responderão por receptação, furto qualificado e associação criminosa, segundo a polícia. (GOMES, 2017)

Segundo os policiais, as redes sociais têm sido um instrumento fundamental na identificação dos saqueadores através dos vídeos e fotos publicados. Em reportagem do UOL podemos ver mais um caso em que a exposição contribuiu para atos antes impraticáveis pelo indivíduo isolado:

À espera do nascimento do quinto filho, Geter Silva, 43, decidiu que precisava tomar um ar. Saiu pela porta do hospital e, ao andar pelas ruas, viu uma centena de pessoas saqueando a loja Dadalto, no centro de Cachoeiro de Itapemirim, no interior do Espírito Santo. Por "impulso", Silva diz ter levado uma máquina de lavar para casa. Sorridente, o vigia aparece carregando o eletrodoméstico em um vídeo que circulou pelas redes sociais. "Um parente da minha ex espalhou para geral", disse ao UOL. Além de Cachoeiro de

²¹ SINGER, Helena. Discursos desconcertantes: linchamentos, punições e direitos humanos. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.

Itapemirim, que conta com 163 mil habitantes, as imagens de Silva se espalharam pelo Brasil. Um dia após o saque, Silva se apresentou à delegacia da cidade e devolveu a máquina de lavar.

"Família e amigos, foi só um impulso. Não sou ladrão, safado, assaltante", escreveu no Facebook dois dias depois de ter feito a devolução. (GARCIA e BIANCHI, 2017)

Na mesma reportagem (GARCIA e BIANCHI, 2017) encontramos dois outros casos em que saqueadores foram identificados por conhecidos e decidiram procurar a delegacia. Segundo o delegado, mais de 100 pessoas se apresentaram voluntariamente e isso não exime o crime cometido, mas se a pessoa não tem antecedentes e se apresenta voluntariamente a pena pode ser convertida em prestação de serviços à comunidade.

Não queremos entrar em estudos de análise do discurso, no entanto, nos chama atenção os termos usados pelos saqueadores ao tentar explicar o ato cometido como sendo “impulso”, algo descrito há vários anos atrás por Le Bon (2016). As multidões são movidas pelos impulsos, com características ferozes derivadas da redução da racionalidade. O depoimento não foi um fato isolado, como podemos verificar em outro trecho da reportagem:

"Eles vieram até aqui, contaram que tinham saqueado a loja 'levados pelo momento' e perguntaram como poderiam devolver as coisas, que estavam preocupados porque viram imagens deles no Facebook", explica o investigador Juliano Martins, da 8ª DP de Goiabeiras, de Vitória. (GARCIA e BIANCHI, 2017)

Interessados em ir mais a fundo na questão, Bezerra (2017) do UOL em outra reportagem busca a resposta para a pergunta “Por que cidadãos saqueiam lojas quando não há PM nas ruas?”. Segundo Manso (2017), cientista político e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência, o fenômeno do “impulso” é reflexo do “efeito bocejo” comportamento em que uma pessoa abre a boca seguindo o gesto de outra e é semelhante ao que acontece em enfrentamento de torcidas organizadas ou linchamentos em que “o comportamento da massa se sobrepõe ao individual”:

"São comportamentos de multidões, quando os freios morais estão suspensos e as pessoas agem por emoção, no calor dos acontecimentos. Depois ela volta para casa, vê a geladeira que foi saqueada e cai na real. Percebe que talvez tenha feito um juízo diferente da realidade, que pode ser presa, que os vizinhos podem pensar mal", explica.

Segundo Paes Manso, saques são comuns em momentos traumáticos, de violência extrema. "Em condições normais, as pessoas não entram na loja para saquear porque tem polícia por perto", diz.

"Não tem a ver com a ausência de polícia, mas com a suspensão das normas do dia a dia causada por algum evento traumático [no caso do ES, a violência gerada pela paralisação da PM]" (BEZERRA, 2017)

Le Bon (2016) destaca que, para além do impulso, o anonimato é pré-requisito para qualquer multidão que se forme. Esses dois sentimentos (impulso e anonimato) se

complementam a tal ponto que um se torna quase que escudo protetor para que o outro aconteça. Segundo Solano (2017), professora da Universidade Federal de São Paulo, o anonimato é essencial para originar comportamento de massa, " 'Se eu for sozinho, eu vou ser identificado. Se eu sou anônimo, se estou espalhado na multidão, me sinto imune', explica".

Solano (2017) prossegue a análise avaliando a falta de capacidade do estado em gerar confiança nas pessoas no qual "muitas pessoas pensam que o governo faz o que quer, então elas também se sentem na liberdade de fazerem o que querem". No entanto, essa junção de forças também pode ser usada positivamente, como já destacaram os teóricos deste estudo:

Solano acrescenta que esse sentimento causa um "encorajamento coletivo" para fazer algo que o cidadão não faria no âmbito individual. "Esse encorajamento não é necessariamente negativo. Ele pode motivar ações coletivas positivas, como protestos, quando as pessoas que pensam de maneira semelhante, apoiam a iniciativa, se sentem identificadas com ela, se sentem refletidas no outro", afirma. (BEZERRA, 2017)

Em outra parte da entrevista Sérgio Adorno, professor titular em sociologia da USP e coordenador científico do NEV enfatiza que algo não está bem na sociedade quando a lei e a regra não permanecem como norma de orientação da conduta do indivíduo em sociedade:

"Esses atos de saque são protestos coletivos. Existe uma crise de liderança nesse país, não tem um modelo, um comportamento a serem seguidos. Quem tem retidão moral na nossa sociedade? Como é o comportamento das pessoas públicas?", questiona. (BEZERRA, 2017)

Mesmo com os efeitos catalisadores, como crise de liderança no governo, crise financeira, crise de segurança e outras diversas crises, o comportamento dos saqueadores segue padrões descritos por Le Bon (2016) há mais de um século atrás. Por mais que levantemos questões como a educação como forma de evitar tais comportamentos; ou mesmo se não houvesse as exposições das mídias sociais os saqueadores devolveriam os produtos, etc. não podemos duvidar que as contribuições de Le Bon foram um divisor de águas no estudo sobre a temática das multidões. Até hoje uma série de artigos buscam os conceitos clássicos para explicar os fenômenos práticos da atualidade como em Jary (2007), Toledo (1996) e Moraes e Moraes (2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Le Bon abriu um novo caminho para se pensar a Psicologia Social através do viés psicológico e com foco nas multidões (CAIAFFO et al, 2007). As limitações da obra, principalmente no que se refere ao viés político e o conteúdo com teor fascista ao problematizar a questão de raças sob a colocação de que existem raças superiores, faz com que a obra perca boa parte de seu valor (CONSOLIM, 2004).

Sigmund Freud veio logo após com Psicologia das massas e análise do eu. Partiu da obra de Le Bon, com uma avaliação em que reconhecia a contribuição do autor, particularmente ao introduzir o conceito de inconsciente. No entanto, fixou suas teorias no fator libido e não na raça, fazendo dele um autor clássico referência central para o pensamento contemporâneo (ADORNO e HORKHEIMER, 1973).

Ao avaliarmos a crise de segurança pública do Espírito Santo em fevereiro de 2017 a partir dos pensamentos contidos na obra Psicologia das Multidões de Gustave Le Bon, nos deparamos com limitações. Visualizarmos o anseio de cada mulher (mães e esposas) e simplificar tudo em uma única “alma coletiva” com uma única forma de pensar vai contra a individualidade de cada uma através de seus anseios, medos e esperanças.

A obra de Le Bon se mostra carente ao avaliar as relações de influência e poder entre duas ou mais multidões. No caso em questão, pudemos observar duas grandes multidões se relacionando diretamente, a saber os Policiais Militares e as Mulheres dos policiais, mas partir para uma avaliação apenas com o embasamento teórico oferecido pelo autor nos impedirá de ir muito adiante e já nos primeiros momentos nos faltaria argumentos.

Outro ponto polêmico é a descrição dos condutores por parte de Le Bon e a forma como eles “contagiam” as multidões. Nas informações coletadas não foi possível identificar sinais de extremismos por parte das lideranças, indo para um caminho muito mais de formação de alianças para que o movimento ganhasse força (ARPINI, 2017) do que discursos repetitivos e neuróticos apontados por Le Bon (2016).

A obra se limita quando avaliamos as lideranças e suas relações com a multidão, além de simplificá-la para uma homogeneidade de sentimentos vindo de uma única alma excluindo, assim, as cognições particulares de cada indivíduo inseridos no bolo humano, a chamada multidão. No entanto, podemos concluir que parte da teoria de Le Bon contribui para uma

avaliação satisfatória do fenômeno recente de multidões do Espírito Santo, assim como outros fenômenos recentes em que a temática fica evidente.

6 ORIENTAÇÕES PARA NOVOS TRABALHOS

O trabalho seguiu uma vertente um pouco diferente dos estudos sociais ao partir de um teórico específico para entender sua visão, criticá-la e avaliar um caso sob a partir do ponto de vista do autor. Os trabalhos atuais geralmente partem de um caso, para assim encontrar referenciais teóricos julgados pertinentes que auxiliem em sua avaliação. Isso pode ter deixado algumas brechas e torna-se necessário desenvolvê-las em novas pesquisas como nas sugestões a seguir:

- Pesquisar a influência das condições socioeconômicas nos estudos sobre multidões, uma vez que foi algo negligenciado por Le Bon e outros autores. Pode não ser plausível justificar um saque somente através de um “impulso”, sem avaliarmos as circunstâncias sociais que o indivíduo vivencia. Carece de fontes que questionem os teóricos clássicos e alimente a literatura atual sobre o tema;
- Pesquisar a literatura moderna sobre liderança e compará-la com a literatura das multidões, fazendo uma análise crítica das lideranças para os autores clássicos do tema;
- Avaliar outros casos sob o ponto de vista de outros autores clássicos e altamente difundidos como, por exemplo, Sigmund Freud e sua obra “Psicologia das Massas e Análise do Eu”;
- Pesquisar como há o paralelo entre o marketing político e as obras clássicas de psicologia das multidões.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. **Exclusão socioeconômica e violência urbana**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 84-135, jul/dez 2002
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (1973). **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- AKERMAN, Jaques. **A Psicologia da Torcida**. MEDICÇÃO, Belo Horizonte, nº 4, dezembro de 2004.
- ALBANEZ, Robson Luiz. Entrevista concedida a COSTA, Camila. **Como protesto iniciado por 8 mulheres paralisa a PM do Espírito Santo**, 2017. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38888048> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.
- ALBUQUERQUE, Manoela. **Após reunião com governo, mulheres de PMs desocupam quartéis no ES**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/apos-reuniao-com-governo-mulheres-de-pms-desocupam-quarteis-no-es.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.
- ARPINI, Naiara. **Mulheres de PMs dizem que resistirão ‘até morrer’; entenda as reivindicações**, 2017a. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/entenda-causa-das-mulheres-de-pms-que-bloqueiam-quarteis-no-es.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.
- ARPINI, Naiara. **Áudios revelam que mulheres de PMs articulavam nova greve no ES**. 2017b. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/audios-revelam-articulacao-de-presos-por-greve-da-pm-no-es.html> >. Acesso em: 07 de maio. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 1977
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BERMÚDEZ, Ana Caria. **O que querem os militares em greve do Espírito Santo**, 2017.

Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/07/o-que-querem-os-militares-em-greve-do-espírito-santo.htm> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

BEZERRA, Mirthyani. **Por que cidadãos saqueiam lojas quando não há PM nas ruas?**, 2017. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/10/por-que-cidadaos-saqueiam-lojas-quando-nao-tem-pm-nas-ruas.htm> >. Acesso em: 07 de maio. 2017.

BORGES, Juliana; ALBUQUERQUE, Manoela; ARPINI, Naiara. **Governo do ES e PMs fecham acordo para terminar paralisação**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/governo-associações-e-sindicato-tem-acordo-e-greve-termina-no-es.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

CAIAFFO Stéfani et al. **Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.59, n.1, 2007.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Tradução Sérgio Tellaroli – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CONSOLIM, Marcia Cristina. **Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões**. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-room.

COSTA, Camila. **Como protesto iniciado por 8 mulheres paralisa a PM do Espírito Santo**, 2017. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38888048> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

COSTA, Yuri Michael Pereira. **O Medo das Massas: Representações científicas e literárias sobre a multidão e a violência**. Caderno Pós Ciências Sociais – São Luís, v.1, n.2, ago./dez. 2004.

DEVENS, Natalia. **Suspeito de liderar greve da PM no ES queria ser deputado estadual**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/suspeito-de-liderar-greve-da-pm-no-es-queria-ser-deputado-estadual.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

DOLZAN, Márcio. **Em 4 dias de paralisação da PM no ES, 270 lojas são saqueadas**, 2017. Disponível em: < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,em-4-dias-de-paralisacao-270-lojas-sao-saqueadas,70001657152> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

ENTREVISTADO 01. Entrevista concedida a COSTA, Camila. **Como protesto iniciado por 8 mulheres paralisa a PM do Espírito Santo**, 2017. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38888048> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

FAINSTEIN, Abel. **Instituição, identificação, psicologia das massas: uma experiência institucional**. *Jornal de Psicanálise* 48 (88), 67-79. 2015.

FELINTO, Erick. **Crowdfunding: entre as Multidões e as Corporações. Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Ano 9. Volume 9, N.26 P. 137-150. Nov. 2012.

FOLHA de S.Paulo. **Com motim da Polícia Militar, mortes no ES sobem quase quatro vezes**, 2017. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1859279-com-motim-da-policia-militar-mortes-no-es-sobem-quase-quatro-vezes.shtml> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

G1. **ES abre procedimento contra 155 policiais envolvidos na paralisação**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/es-abre-procedimentos-contrapoliciais-envolvidos-na-paralisacao.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

G1 ES. **Operação Protocolo Fantasma prende PM e mulher de ex-policial**. 2017a. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/operacao-protocolo-fantasma-prende-pm-e-ex-mulher-de-policial.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

G1 ES. **PM do ES processa cerca de 28% dos policiais militares da ativa**, 2017b. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/pm-do-es-processa-mais-1549-policiais-militares.html> >. Acesso em: 25 de maio. 2017.

GARCIA, Daniela e BIANCHI, Paula. **Após exposição em redes sociais, saqueadores devolvem produtos à polícia no ES**, 2017. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/09/apos-exposicao-em-redes-sociais-saqueadores-devolvem-produtos-a-policia-no-es.htm> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

GAZETA ONLINE. **PM “pede autorização” para sair de quartel, mas mulheres dizem não**, 2017. Disponível em: < <http://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/02/pm-pede-autorizacao-para-sair-de-quartel-mas-mulheres-dizem-nao-1014021767.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1ª Edição. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Sexta Edição. São Paulo: Editora Atlas. 2008

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29. Maio-jun. 1995

GOMES, Geisy. **Candidata é fotografada saqueando loja no ES e se apresenta à polícia**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/candidata-e-fotografada-saqueando-loja-no-es-e-se-apresenta-policia.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

GOMIDES, José Eduardo. **A definição do problema de pesquisa a chave para o sucesso do projeto de pesquisa**. Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão. CESUC – Ano IV – nº 06 – 1º Semestre. 2002

JARY, Marcus. **Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos, símbolos e violência nas ruas de Goiânia**. Pensar a Prática 10/1: 99-115, jan./jun. 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros**. Psicologia & Sociedade, 25 (3), 493-503, 2013.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Atlas. 2003

LE BON, Gustave, 1841-1931. **Psicologia das Multidões**. Tradução Mariana Sérvulo da Cunha; posfácio Marcia Cristina Consolim. -2ª edição- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

LIMA, Aluísio Ferreira. **Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade**. Revista Psicologia Política [Online], vol. 7 nº 14. 2007

LOUREIRO, Gabriela. 5 razões por trás da crise de segurança pública no Brasil, 2017. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38909715> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

LOBEL, Fabrício. **Espírito Santo anuncia indiciamento de 1.151 policiais militares por motim**, 2017. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1859736-espírito-santo-anuncia-indiciamento-de-1151-policiais-militares-por-motim.shtml> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

MANSO, Bruno Paes. Entrevista concedida a BEZERRA, Mirthyani. **Por que cidadãos saqueiam lojas quando não há PM nas ruas?**, 2017. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/10/por-que-cidadaos-saqueiam-lojas-quando-nao-tem-pm-nas-ruas.htm> >. Acesso em: 07 de maio. 2017.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo Perspec. Vol. 14. Nº 4. São Paulo. Out/Dez 2000.

MCDUGALL, William. **The group mind**. Cambridge: Cambridge University Press. 1920.

O Estado de S.Paulo. **Em 7 dias, número de mortes no ES supera todo o fevereiro de 2016**, 2017. Disponível em: < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,em-7-dias-numero-de-mortes-no-es-supera-todo-o-fevereiro-de-2016,70001661800> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

PIMENTEL, Alessandra. **O Método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica**. Cadernos de Pesquisa. N.114, p. 179-195, novembro. 2001

PRAGMATISMO POLÍTICO, Candidata do PSDB que “bateu panela” contra a corrupção

rouba loja no ES, 2017. Disponível em: <
<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/02/candidata-vereadora-do-psdb-e-flagrada-saqueando-loja-no-espírito-santo.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2013.

REICH, Wilhelm, 1897-1957. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução Maria da Graça M. Macedo. -3ª edição- São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2001.

RICHTER et al. **Junho Político: massa e multidão nas ruas brasileiras**. Psicologia Política. Vol. 14. Nº 29. PP. 71-86. JAN.-ABR., 2014.

ROUQUETTE, Michel-Louis. **Massas, normas e violência**. Ciência & Saúde Coletiva, 4(1): 201-204, 1999.

RUDÉ, George F. E., 1910 -. **A multidão na história: um estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SIGHELE, Scipio, 1868-1913. **A Multidão Criminosa – Ensaio de Psicologia Coletiva**. Tradução Adolfo Lima. Edição eBooks Brasil. Organização Simões. Rio de Janeiro, 1954.

SILVA, Rosane Neves da. **Notas para uma genealogia da psicologia social**. Psicologia & Sociedade; 16 (2): 12-19; maio/ago. 2004.

SOARES, Luiz Eduardo. **Segurança Pública: presente e futuro**. Estudos Avançados 20 (56), 2006

SOLANO, Esther. Entrevista concedida a BEZERRA, Mirthyani. **Por que cidadãos saqueiam lojas quando não há PM nas ruas?**, 2017. Disponível em: <
<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/10/por-que-cidadaos-saqueiam-lojas-quando-nao-tem-pm-nas-ruas.htm> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

SOUZA, E. Ramos e LIMA M. Luiza Carvalho. **Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais**. Revista Ciência & Saúde Coletiva. 2006

TARDE, Gabriel de., 1843-1904. **A opinião e as massas**. Tradução Eduardo Brandão. -2ª edição- São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TAVARES, Fernanda Pereira. **A cultura organizacional como instrumento de poder**. Cadernos de Pesquisa em Administração. São Paulo, v.1, n.3,2º semestre. 1996

TELLES, João Sérgio Siqueira. **Refletindo sobre grupos e massas**. Jornal de Psicanálise 48 (88), 315-322, 2015.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Autores Associados, ANPOCS, 1996.

TOMASELLI, Tatiana Renaux e OLTRAMARI, Leandro Castro. **A Psicologia do mercado acionário: representações sociais de investidores da BOVESPA sobre as oscilações dos preços**. Estudos de Psicologia, 12 (3), 275-283. 2007.

TV FOCO. **Com caos no ES, “Balanço Geral ES” alcança 36 pontos e tem vitória histórica sobre a Globo**, 2017. Disponível em: < <http://www.otvfoco.com.br/com-caos-no-es-balanco-geral-es-alcanca-36-pontos-e-tem-vitoria-historica-sobre-a-globo/> >. Acesso em: 25 de maio. 2017.

VEJA. **Entenda a crise de segurança pública no Espírito Santo**, 2017. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/brasil/entenda-a-crise-de-seguranca-publica-no-espírito-santo/> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

VERLI, Caique. **Justiça determina ida de familiares de PMs do ES a presídios comuns**, 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/justica-determina-ida-de-familiares-de-pms-do-es-presídios-comuns.html> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

VIEIRA, Maria Clara. **A rotina das mulheres líderes da greve da PM capixaba**, 2017. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/brasil/a-rotina-das-mulheres-líderes-da-greve-da-pm-capixaba/> >. Acesso em: 05 de maio. 2017.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 2007

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. Editora Atlas, 6ª Edição. 2015